Páginas Abertas

PAULUS

ANO 42 • nº 70 • 2017

ISSN 1414-463X 02
9 771414 463002

Afeto

O facilitador no processo de ensino-aprendizagem

Tecnologia

E-books: será que os livros digitais podem estimular a leitura em sala de aula?

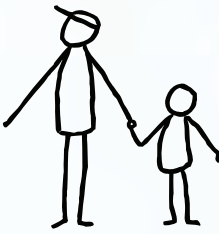
Cultura

Conheça o trabalho do Projeto Quixote, que utiliza a arte para resgatar a autoestima de crianças e adolescentes

O DOCAT É A TRADUÇÃO POPULAR DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

DOCAT
Como agir?
Com prefácio do Papa Francisco

O *DOCAT* é a tradução popular da Doutrina Social da Igreja feita especialmente para você! Lançado na Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, o *DOCAT* é um presente e um apelo do Papa Francisco a todos os jovens que acreditam no poder do Evangelho para mudar o mundo. Faça parte do sonho do Papa. Porque um cristão que não seja revolucionário neste tempo, não é cristão de verdade.

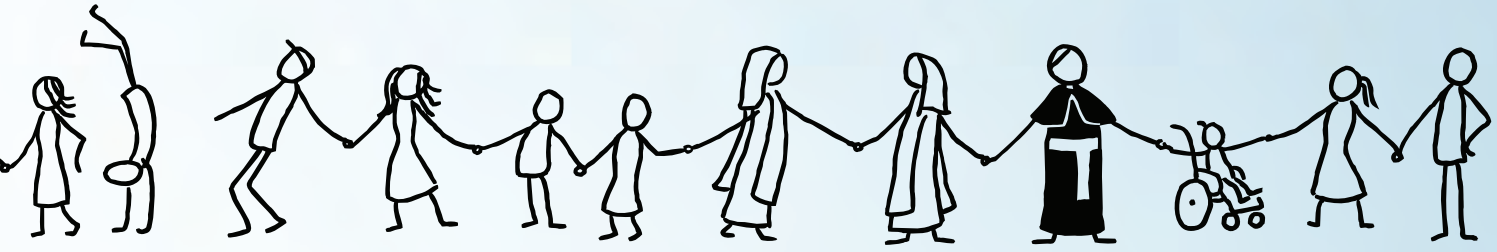


editorapaulus

youcat.paulus.com.br

“Eu tenho um sonho:
que um milhão de jovens, uma geração
inteira seja, para os seus contemporâneos,
uma Doutrina Social em movimento.”

Franciscus



Sumário

06 **Entrevista**
O desafio dos direitos humanos em pleno século XXI
O desrespeito à vida e a violação dos Direitos Humanos nos mais variados ambientes sociais sinalizam uma preocupação com os valores defendidos pela sociedade atual. Para analisar o quadro e resgatar a importância dos direitos universais, convidamos o professor Nei Márcio Oliveira de Sá, mestre em Teologia Pastoral e especialista em Psicopedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

16 **Saúde**
Atividade física, o melhor investimento para uma vida saudável
As especialistas em educação física Janaína de Melo e Tayane Freitas mostram que, mesmo com pouco tempo, é possível se exercitar e obter mais qualidade de vida.

18 **Tecnologia**
Um minuto de silêncio pela morte dos e-books
A especialista em formato digital Camila Cabete fala da democratização da leitura por meio dos e-books. Com o projeto Árvore do livro, entenda como os livros digitais podem estimular a leitura no ambiente escolar.

22 **Ecologia**
Conhecer e preservar os biomas brasileiros
O Padre Antonio C. Frizzo fala da importância dos cuidados e da preservação dos biomas de nossa terra, tema da Campanha da Fraternidade 2017.

26 **Cultura**
Mais cor, por favor!
Conheça o Projeto Quixote, um trabalho que leva a arte como resgate para a vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

CAPA

10 **Afeto, o facilitador no processo de ensino-aprendizagem**
Nesta edição, falamos sobre a relação afetuosa entre docentes e alunos, apresentando entrevistas e pesquisas de especialistas defensores do afeto como um elemento fundamental na construção do ser e na formação das estruturas mentais do indivíduo.

21 Literatura
A gata Faísca,
por Antonio Iraildo Alves de Brito

24 Filosofia
Para que serve pensar?,
por Viviane Mosé

30 Reflexão
Diversão supervisionada:
o uso de dispositivos eletrônicos na infância,
por Alexandre Carvalho

32 Li, Gostei e Recomendo
A comunicação como ciência indecisa,
por Mauro Wilton de Sousa

34 Sala de Aula
Projeto de alfabetização e letramento,
por Roberta Nascimento

36 Páginas Abertas Indica
Literatura infantojuvenil, filosofia, ecologia e educação estão entre as principais dicas de leitura da edição

38 Crônica
Por falar em crise,
por Douglas Tufano

Encarte
Especial Formação de Professor
Armando e o amor é um livro sobre os valores, o cotidiano e o comportamento das pessoas, que nos faz refletir acerca dos sentimentos e de sua capacidade de transformar o mundo. O que é o amor? Para que ele serve? Ele pode mudar o mundo? Será que a Terra é movida apenas por ódio e guerra?

Páginas Abertas

Ano 42 – nº 70 – 2017
Abril - Maio - Junho
ISSN 1414-4638

Diretor editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Diretor de Difusão
Mario Nahuelpán López

Jornalista responsável
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho editorial
Alexandre Carvalho; Antonio Iraildo Alves de Brito; Dílvia Ludvichak; Samuel de Lima Gervásio, Cleane Santos e Roberta Molina

Direção de Arte
Samuel Lima

Diagramação
Thais Ramone e Thiago Vieira

Reportagem
Cleane Santos e Roberta Molina

Edição de Texto
Roberta Molina

Revisão
Isabela Talarico

Colaboradores
Alexandre Carvalho; Antonio Iraildo; Antonio C. Frizzo; Matheus Macedo; Beatriz Tavares de Souza; Camila Cabete; Douglas Tufano; Janaína de Melo; Mauro Wilton de Sousa; Roberta Nascimento; Tayane Freitas e Viviane Mosé

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br
A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.
Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

A assinatura da revista PÁGINAS ABERTAS é gratuita. Para mais informações, ligue: (11) 3789-4000

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br

PAULUS

Editorial

Novos caminhos, novas direções...

Não existem respostas prontas quando se fala em educação; aliás, não existem receitas para nenhum aspecto da vida! Mas, de repente, encontramos caminhos que nos ajudam em algumas tarefas tão difíceis do dia a dia. Na matéria de capa desta edição, especialistas apontam o afeto como uma solução assertiva para muitos problemas que podem surgir na vida do aluno – e mostram que a afetividade e a cognição devem andar juntas, pois são inerentes uma à outra.

Nessa mesma perspectiva, dentro da editoria Cultura, a coordenadora pedagógica Zilda Ferré nos concede uma entrevista para apresentar o Projeto Quixote, um trabalho que leva a arte como resgate para a vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Com o intuito de dividir as experiências positivas, como o manejo, a interação com a família e outras, o Projeto Quixote se volta para professores da rede pública e particular, por meio de cursos, reuniões e visitas. Dividir as experiências e apostar na formação dos professores são um ótimo caminho para quem luta por cidadãos mais conscientes e autônomos.

Falando em cidadania, a entrevista desta edição traz o professor, teólogo e especialista em psicopedagogia Ney Márcio Oliveira de Sá, que nos fala sobre os desafios dos direitos humanos. Em uma sociedade marcada pelos conflitos, principalmente nas relações sociais, como abordar e discutir um tema tão importante? Como desenvolver em sala de aula o pensamento crítico das crianças e adolescentes para os fatos da realidade?

São tantos temas para pensar e trabalhar que muitas vezes, por falta de tempo, o professor deixa de cuidar de si mesmo. Na seção Saúde, as especialistas em educação física Janaína de Melo e Tayane Freitas mostram que de forma simples e com baixo custo é possível cuidar do físico e do emocional. Elas dão dicas de atividades físicas que podem ser feitas nos intervalos das aulas, numa praça pública ou até mesmo em casa.

Nossa gratidão a todos os que colaboraram para este trabalho. A vocês, leitores, desejamos muito afeto, muita cor e muito amor. Boa leitura!

Equipe Páginas Abertas

Divulgação

O desafio DOS DIREITOS HUMANOS em pleno século XXI

Diante das últimas ocorrências de violação dos direitos humanos em diversos segmentos da sociedade brasileira, lançamos um breve olhar sobre a questão. Para falar do tema, convidamos o professor Nei Márcio Oliveira de Sá, mestre em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e especialista em Psicopedagogia pela mesma instituição. Acompanhe nosso bate-papo a seguir.

Quais as suas principais atividades hoje?

Desde 2014, atuo como professor na Faculdade de Teologia no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), no *campus* Pio XI, das disciplinas Teologia Pastoral e Evangelização da Juventude. Também colaboro na orientação dos trabalhos de conclusão de curso – os TCC –, no Programa de Iniciação Científica e no acompanhamento das Atividades Complementares dos estudantes. No Colégio São Luís, dos jesuítas, atuo há 15 anos na equipe técnica do Ensino Médio Noturno, na Orientação Educacional, no acompanhamento de alunos e famílias, nas dimensões de aprendizagem e nos aspectos socioemocionais que envolvem a vida dos estudantes. Na PUC-SP, atuo na Universidade Aberta à Maturidade desde 2010.

Professor, como falar de direitos humanos em uma sociedade marcada por tantos conflitos nas relações sociais?

É extremamente oportuno e necessário refletir sobre os direitos humanos em todos os momentos e atores da sociedade, porque eles são continuamente desrespeitados. O Santo Papa São João XXIII, na Carta Encíclica *Pacem in Terris*, de 1963, já afirmava que os direitos humanos não são "um presente", mas algo que se deve à sociedade; são direitos universais, invioláveis, aos quais não se deve renunciar por motivo algum. O que pertence ao homem e à mulher é sua mesma humanidade, sua dignidade como pessoas humanas, seus direitos fundamentais à vida plena. A fonte desses direitos é a lei natural, a mesma natureza das pessoas, independentemente de sua condição social, econômica ou política. Somos seres criados para o amor, que não podem viver sem o amor. Só a partir desse olhar é que poderemos entender os direitos e os deveres de cada pessoa.

Que sentido tem a Declaração Universal dos Direitos do Homem (Nações Unidas, 1948)? E qual a importância de se pensar o tema?

Há uma íntima relação entre direitos humanos e bem comum. A política humanizante tem por função promover e proteger os direitos humanos. São João Paulo II, na Carta Encíclica *Redemptor Hominis* de 1979, afirmou com ênfase que "o bem comum que a autoridade serve no Estado será plenamente realizado somente quando todos os cidadãos estiverem seguros dos seus direitos". Os direitos fundamentais – à vida, a formar uma família, à educação, à participação, ao trabalho, à propriedade, à iniciativa de associação em todos os campos, à liberdade religiosa – devem ser assegurados para todos. No entanto, a vulnerabilidade causada pela pobreza traz consigo praticamente a violação de todos os direitos fundamentais da pessoa.

O não cumprimento e o desrespeito aos direitos universais estariam vinculados a alguma falha na educação familiar ou na própria formação humana?

A educação para os direitos humanos é não só um dever das famílias, mas também da sociedade como um todo. Porém, como primeira e fundamental estrutura, em que o ser humano recebe as primeiras e determinantes noções acerca da verdade e do bem, é na família que, num primeiro momento, aprendemos a amar e a ser amados e, consequentemente, a desenvolver o senso de alteridade. É a família que garante o afeto, a segurança, a formação inicial daqueles valores que serão vividos por toda uma vida. Ela é o lugar da formação integral a partir da qual se desenvolvem os distintos aspectos para o amadurecimento. É neste ambiente que aprendemos a pedir licença sem servilismo, a dizer "obrigado" como expressão de uma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância e a pedir desculpas quando fazemos algo de mau. Só que, na atual conjuntura, a instituição familiar está em crise por diversas razões e, claro, esse ambiente fundamental se torna menos eficaz quando está incompleto ou marcado por relações sem harmonia e condições mínimas para um convívio digno.

Em sua opinião, quais são os principais fatores que provocam a violação dos direitos humanos no Brasil?

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, denuncia a "economia de exclusão e a desigualdade social que matam". Aqui está uma chave fundamental para compreendermos os mecanismos que geram as violações constantes dos direitos humanos no Brasil. Não podemos tolerar tamanha desigualdade de oportunidades entre as pessoas – ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres – que acontece de forma tão gritante no Brasil. Uma ética pelo cuidado uns dos outros e uma visão comunitária para o país seriam condições fundamentais para garantir os direitos básicos à alimentação, saúde, educação, trabalho, moradia, água potável e esgoto tratado para todos. A cultura do descartável atinge as pessoas. O ser humano é tratado como um bem de consumo. Os excluídos estão cada vez mais segregados nas periferias – pouco ou nada atendidas pelos poderes públicos. O sentimento de

abandono traz uma reação em cadeia: o não atendimento dos direitos básicos, o não reconhecimento mínimo de minha existência provoca, na visão dos estudiosos dos problemas da violência, uma negação dos direitos e da existência das outras pessoas.

Como a sociedade brasileira convive com essas violações?

A idolatria do dinheiro, bem como a cultura da aparência e do bem-estar, fez a sociedade criar novos ídolos. A ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo realmente humano que invista nas finanças impõe todos os dias graves desequilíbrios na ordem de prioridade de onde devem ser aplicados os recursos financeiros. A corrupção feita todos os dias nos micro e macroníveis revela que a ambição do poder e do ter não conhece limites. A sociedade fica indefesa face aos interesses do mercado divinizado, associado aos donos dos grandes impérios da mídia e das classes dominantes. Percebemos algumas reações da sociedade contra as estruturas políticas, mas mesmo essas iniciativas são condicionadas e manipuladas pelos interesses de poder daqueles que não se contentaram em ser os donos da política. Nesse sentido, a sociedade é manipulada, com pouca visão crítica das várias realidades.

Como relacionar os direitos e deveres do homem? Na vida em sociedade, as pessoas reconhecem esses direitos?

A formação para a cidadania deve ser um compromisso de todas as instituições: poderes públicos, empresas, igrejas etc. Nós vivemos ainda num país de pessoas com pouca escolaridade e formação a respeito do seu papel comunitário. Vemos que uma das primeiras causas das enchentes e tragédias naturais, como o desmoronamento de casas colocadas em encostas, é a ação da própria população, que, muitas vezes, contribui para os problemas ambientais e de saúde pública. Todos são cidadãos e pertencem ao número das partes vivas de que se compõe, por intermédio das famílias, o corpo inteiro da nação. O público é um dever de todos e consiste em cuidar igualmente de todas as classes de cidadãos, observando rigorosamente as leis da justiça, chamada distributiva.

Em relatório de novembro de 2016, a ONU (Organização das Nações Unidas) alertou o governo federal sobre os principais problemas dos sistemas carcerários no Brasil. Acompanhamos diversos atentados contra a vida. Professor, é possível repensar o quadro?

Está aí uma das questões que mais nos envergonham como brasileiros: a situação carcerária e dos presídios. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que há milhares de presos que nem sequer tiveram suas sentenças determinadas. Portanto, pode ser que existam muitas pessoas presas que não deveriam estar no presídio. Em segundo lugar, todos os que estão condenados devem cumprir suas penas num ambiente que permita a reflexão e a reintegração na sociedade. Diante da falência dos poderes públicos, há uma reação da sociedade que nega a possibilidade de retorno e mudança às pessoas que cometeram crimes. Para muitos, quanto mais pessoas forem mortas, assassinadas nesses ambientes, melhor para a sociedade. Mas as frases fortes, marcadas pela emoção, são distanciadas de uma reflexão mais ampla a respeito das condições de vida e direitos que todos temos. O papel profético exercido hoje é reconhecer a dignidade de todos, independentemente do que fizeram, mas com critérios de justiça.

Com base em sua experiência, como a educação tem se posicionado diante do assunto?

Os profissionais da educação são, por excelência, "semeadores de esperança". Mesmo trabalhando em condições muitas vezes indignas, acompanhamos verdadeiros atos de heroísmo de pessoas que amam o que fazem, procurando dar o melhor aos seus alunos e famílias. Nas várias correntes pedagógicas, a educação do dia a dia, além dos conteúdos formais, tem proporcionado a crianças, adolescentes, jovens e adultos a oportunidade de abrir suas visões e horizontes para uma nova perspectiva de felicidade pessoal e comunitária. É inegável que, no Brasil, a educação não tem sido tratada como merece. O problema vai muito além dos recursos: falta reconhecimento, condições de estrutura e o investimento na formação dos educadores como prioridade absoluta. O que estamos acompanhando, infelizmente, vai na linha contrária de tudo isso.

Como desenvolver em sala de aula o pensamento crítico das crianças e adolescentes para os fatos da realidade? Ou seja, como evitar a indiferença dos alunos?

É fundamental que os educadores não sejam pessoas acomodadas: que encontrem inspirações para uma atenção constante às realidades das crianças e adolescentes, favorecendo a transmissão de conteúdos de forma criativa, o desenvolvimento de bons hábitos e a avaliação constante, tanto de alunos como de si mesmos. É preciso favorecer uma cultura de encontro, por meio de uma pedagogia que perpasse a realidade e os temas do momento, relacionando os conteúdos com o contexto.

Como viver os direitos humanos na escola?

Em primeiro lugar, é preciso que façamos algumas considerações: educar é um gesto de amor, é dar e proporcionar vida. O amor é exigente; ele requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão pelo aprender e que nos coloquemos a caminho com paciência, junto com os jovens. O educador deve ser alguém competente em sua área de atuação, mas, especialmente, rico em humanidade, com estilo e coerências capazes de promover o crescimento humano e espiritual dos alunos a partir do próprio testemunho. Mais do que ensinar teoricamente direitos humanos, é preciso vivê-los nas relações de respeito entre alunos, de alunos com professores, professores com alunos, professores entre professores, funcionários com alunos e vice-versa, e, principalmente, nas relações com as instâncias de coordenação e direção. São elas, essas instâncias, que "darão o tom" para que o diálogo, a compreensão, o amor e os direitos e deveres de todos sejam observados e vividos.

Quais os principais direitos humanos que são desrespeitados no ambiente escolar?

Infelizmente, um dos grandes problemas no ambiente escolar é que há muito fechamento. Muitos são os que não sabem acolher e aceitar quem pensa de modo diferente, presos nos cubículos das ideologias e até das religiões. Precisamos exercer a capacidade de ouvir e ser ouvidos, com corações e mentes abertos. São várias as situações que variam de instituição para instituição. Mas o direito humano à educação é negado para muitos, seja pela falta de instituições educativas, seja pela falta dos equipamentos humanos e materiais para que a educação seja realmente viabilizada no cotidiano.

A violação de direitos humanos dentro da escola tem a ver com a falta de incentivo à formação do professor para lidar com o problema?

Sem dúvida alguma, a violação dos direitos humanos numa instituição educativa pode também acontecer em função da formação deficiente daqueles que deveriam ser os primeiros a transmitir atitudes e princípios de valorização à pessoa humana. Os professores são os primeiros que devem permanecer abertos à realidade, com a mente sempre pronta para aprender. A atitude de abertura é contagiante: instigar perguntas e reflexões torna o ambiente mais compartilhado. O professor não é o único detentor do saber. É preciso reconhecer e acolher as contribuições vindas dos estudantes. Educar é comunicar!

De acordo com o livro *DOCAT – Como agir?* (Doutrina Social da Igreja Católica em linguagem jovem), o ser humano tem uma dignidade que deve ser inviolável. O que isso significa?

O *DOCAT – Como agir?* é um especial instrumento para a formação de jovens e adultos na Doutrina Social da Igreja. Trata-se de um manual prático, com aprofundamento de questões com respostas à luz do Magistério da Igreja, que é enriquecedor e profundo ao mesmo tempo. A convicção é de que, com a força do Evangelho, podemos transformar o mundo. É a conversão do coração que poderá tornar mais humana a nossa terra repleta de terror, violência e injustiça. O direito à vida plena e em abundância, defendido por Jesus no Evangelho de São João (Jo 10,10), desdobra-se numa série de pontos tratados na Doutrina Social da Igreja. Os princípios do bem comum, da personalidade, da solidariedade e da subsidiariedade, que partem do amor de Deus, da análise da relação entre Igreja e sociedade; o valor da pessoa humana; a família; os objetivos do trabalho e da economia; o papel da política; o meio ambiente; a construção de uma civilização do amor, em liberdade e sem violência, e a prática da caridade são temas trabalhados pelo *DOCAT* de maneira simples e profunda ao mesmo tempo, e que apresentam, no fundo, a pessoa e as atitudes de Jesus Cristo como inspirações para os dias de hoje.

Afeto

O facilitador no processo de ensino-aprendizagem

À luz de discussões sobre a reforma do Ensino Médio, com debates sobre a relevância do currículo escolar, ainda são poucas as reflexões e provocações sobre algo tão complementar e desafiador no dia a dia do professor: a relação afetuosa com os alunos. Segundo especialistas, é justamente essa relação que pode ser desencadeadora de um processo de aprendizagem; afinal, o afeto tem um papel fundamental na construção do ser e na formação das estruturas mentais do indivíduo.

Lúcia é uma professora que, antes de se tornar professora, foi a menina que cresceu no interior da Bahia, em uma família de poucos recursos, e que não sabia quem era seu pai. Teve uma educação rígida, cuja maior preocupação da mãe – que cumpria os papéis de mulher e de homem da casa – era a possível influência de más companhias. Ela se tornou professora por desejo da mãe.

No presente, é uma profissional tensa, não só perante a coordenação pedagógica, mas também diante de seus alunos do 6º ano, pelos quais se sente dominada, intimidada, congelada. Quando questionada sobre esse mal-estar, ela responde: "Não sei como mudar".

Segundo a psicopedagoga e diretora de Mobilização Municipal do Sindicato dos Psicopedagogos do Brasil, Bianca Vasques, o estilo de aprender está relacionado à forma "de ser no ensinar". E a forma "de ser no ensinar" pode ser saudável ou não. Nos casos negativos, pode desencadear sintomatizações, obturações no processo da mobilização da aprendizagem e até o fracasso escolar.

Bianca afirma que é preciso pensar, respeitar, despertar e estimular a autoria dos aprendentes. Mas como fazer isso se alguns professores muitas vezes não respeitam a própria autoria? "É neste ponto que precisamos permitir ser iluminados. Permeando os desafios enfrentados pelo ensinante, poderemos ponderar sobre possíveis autorresgates, transferências e projeções do ensinante em relação ao aprendente. Daí vem a importância, nesses casos, de o professor investir em terapias que promovam autoconhecimento, reflexão e diálogo interno, para entender os desdobramentos e consequências, sintomatizantes ou não, de suas práticas dentro e fora da escola", diz.

A psicóloga e doutora em Psicologia Valéria Amorim Arantes publicou, em seu livro *Afetividade na escola* (Summus Editorial), uma importante pesquisa sobre o pensar e o sentir como ações indissociáveis. Ela ressalta que os estados emocionais influenciam os pensamentos e ações tanto quanto a capacidade cognitiva do indivíduo.

No âmbito escolar, Valéria fala sobre a necessidade da incorporação de um trabalho que envolva sentimentos e afetos, rompendo com as concepções educacionais que fragmentam os campos científico e cotidiano do conhecimento e as vertentes racional e emocional do pensamento.

Para ela, se contemplassem os aspectos afetivos da vida humana na estrutura curricular, as escolas se aproximariam de maneira mais evidente do dia a dia das pessoas, tonando-se mais significativas para a formação ética dos cidadãos e cidadãs. "Precisamos ter coragem para mudar a educação formal e transformar os sentimentos, as emoções e os afetos em objetos de ensino e aprendizagem. É preciso assumir, como educadores, que a dimensão afetiva da personalidade precisa ser trabalhada na escola, assim como trabalhamos a matemática, a língua, a ciência etc.", diz.

As iniciativas próprias são fundamentais para o desenvolvimento de todo indivíduo, mas, dentro do contexto educacional, é preciso que haja também investimento na formação dos professores, valorizando sua autoestima, autoconfiança e a capacidade de conhecimento.

Entre afetos e diagnósticos

Sob uma perspectiva histórico-cultural, as discussões sobre o tema são atuais. No passado, alunos e professores tinham uma interação muito restrita, de modo que o aprendizado estava associado apenas à aquisição de conhecimento técnico, objetivo e racional. Se o comportamento do aluno não se enquadrasse nas regras educacionais, ele seria expulso da escola.

Hoje, é preciso pensar que o afeto vai além do ambiente familiar e alcança o todo de uma sociedade, inclusive as instituições de ensino.

Pelo comportamento das crianças é possível perceber que algo está errado. Geralmente elas demonstram problemas ligados aos conflitos afetivos: inquietude, agressividade, dispersão etc. Aqui, cabe uma avaliação sobre as causas sociais das dificuldades escolares – condições de vida em que a criança está vivendo, ambiente familiar e, claro, problemas que podem estar sendo ocasionados dentro do próprio ambiente escolar.

Na perspectiva do psicólogo Henri Wallon, a família não é a única responsável pela dimensão afetiva do aluno. Se assim fosse, a escola se eximiria de qualquer participação na construção de um problema, o que lhe tiraria a responsabilidade de resolvê-lo. Para ele, o ser humano se constrói na interação social, no confronto com o outro.

No entanto, não estão claros os critérios para avaliar quais os comportamentos e as dificuldades de aprendizagem que justifiquem a alta demanda de crianças encaminhadas para tratamentos psicológicos.

Percebe-se que alguns comportamentos tidos como inadequados em salas de aula são, na maioria das vezes, o motivo do encaminhamento desses alunos para assistência psicológica – problemas que podem ser fundamentalmente de ordem pedagógica, institucional e política.

De acordo com o Boletim do Instituto de Saúde (BIS), 76,9% das queixas apresentadas aos psicólogos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) eram escolares, associadas ou não a outros tipos de queixas de comportamento. Alguns estudos já propõem novas reflexões sobre esse tipo de queixa, como desnaturalizar essas reclamações por meio da compreensão das condições e fatores em que a criança ou adolescente está inserida.

No artigo *Afetividade e cognição – Uma dicotomia em discussão*, a psicanalista e professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Maria Cristina Machado Kupfer questiona a grande demanda encaminhada à área da saúde. Para ela, cada história deve ser analisada com cuidado e em todas as situações deve haver acolhimento e afetividade.

Maria Cristina ainda destaca que os docentes podem ser importantíssimos para a mudança desse quadro. "Já é sabido que os professores não podem ser psicanalistas em sala de aula. Assim, os problemas de aprendizagem entendidos como sintoma ou psicoses terão de ser tratados fora da escola. Aos professores cabem, porém, ações de importância significativa. Eles poderão fazer, por muitas crianças, mais do que a psicanálise", ressalta.

O café mais saboroso da vida da pequena Luana

A professora da escola pública Eliana Palma relata como uma simples ação, baseada numa relação de afeto, confiança e cumplicidade, mudou a vida de sua aluna Luana (nome fictício).

Luana, filha de pais analfabetos, não recebia estímulo familiar propício ao desenvolvimento de sua aprendizagem. Apresentava um comportamento um tanto impulsivo em sala de aula. Chorava e se jogava no chão, principalmente ao ser contrariada; bastava solicitar a realização de alguns exercícios e ela já dizia que não conseguia, cruzava os braços e se opunha.

No início, a professora deixava que ela extravasasse toda a sua impulsividade. Porém, quando percebia que não chamava a atenção com o seu comportamento, Luana parava. A professora, então, pedia a ela que descesse, tomasse uma água e fosse fazer suas queixas à coordenadora.

Quando Luana saía da sala, a educadora buscava gerar empatia em todos os alunos. Dizia que a menina era uma colega de classe que necessitava de todo o apoio da turma e pedia a eles

que não a agredissem, pois seu comportamento às vezes irritava os demais. Assim, aos poucos, o jeito de Luana foi sendo aceito pelos colegas.

A aluna também não tinha competência leitora cursando o 3º ano do Ensino Fundamental. No início, a docente montou cadernos como uma forma de reforço. "Até que ela gostava, mas logo foi se cansando e se sentindo desmotivada", conta Eliana.

Outra alternativa encontrada pela professora foi montar duplas, de maneira que todos os dias Luana ficasse com um colega diferente. Assim, todos poderiam contribuir com o seu jeito de ser. Paralelamente a isso, a educadora montava para ela atividades parecidas com as que os outros faziam, mas sempre voltadas à alfabetização. Eliana também sempre convidava Luana para ir à lousa, a fim de que a aluna se sentisse importante.

Com muita paciência, afeto e dedicação, inclusive da turma, a aluna ganhou confiança e percebeu que era capaz de aprender e fazer. "Posso dizer que ela levou um ano letivo inteiro para que descobrisse sua capacidade e se sentisse valorizada. E, nos últimos dias de aula, numa leitura de banco de palavras na lousa, ela descobriu a leitura. Com muita dificuldade, conseguiu ler a palavra 'café' e literalmente pulou de alegria, não cabendo em si por ter desvendado esse fascinante mundo", conclui Eliana.

Nesse exemplo, a professora foi além do campo intelectual, colaborando para um desenvolvimento amplo. Primeiramente, trabalhou a afetividade e empatia, inclusive entre os colegas de sala, fortalecendo a autoestima e a autoconfiança da aluna. O resultado foi o desenvolvimento positivo do aprendizado.

Acima da visão desmotivadora da mestra

Aldo Souza traz um exemplo de como ainda existem muitas atitudes que desqualificam e fazem com que a criança seja uma séria candidata a tornar-se vítima dos problemas de aprendizado. Felizmente, neste caso, o aluno conseguiu superar a dificuldade, mas as palavras da professora perpetuaram em sua vida.

Aldo Souza nasceu e cresceu em uma comunidade muito pobre na Ilha do Governador, cidade do Rio de Janeiro.

Por volta dos 10 anos, estudava na Escola Belmira Medeiros, quando, por alguma bagunça em sala de aula, a professora se dirigiu até ele e, muito furiosa, disse que já podia prever seu futuro: ela o via como traficante de drogas.

Aldo diz que guardou na memória aquela afirmação por toda a vida, considerando que o ambiente em que nascera expunha essa realidade a todo momento.

Muitos anos depois, ele encontrou a professora na praça de alimentação de um *shopping*, almoçando com seu marido. No mesmo instante, veio-lhe a lembrança, e ele achou que valeria a pena abordá-la para que ela soubesse sobre o equívoco que havia cometido em relação ao seu futuro.

Ela não o reconheceu, mas identificou seu erro. "Aproximei-me e perguntei: 'Lembra-se de mim, professora?'. Ela não lembrou, mas fez algumas perguntas para tentar recordar. Qual escola, o ano que a tivera como professora etc. Enquanto ela tentava se lembrar do passado e dos inúmeros alunos a quem dera aula, eu lhe falei: 'A senhora disse que eu seria um traficante, o pior deles, e eu quero lhe dizer que estava enganada a meu respeito: eu estudei e me tornei professor'", afirmou.

Antes que ele terminasse, ela já estava muito emocionada, e, num misto de tristeza e de vergonha, abraçou Aldo e pediu desculpas pelo que lhe havia dito.

"Felizmente eu consegui ser alguém, não obstante as dificuldades e a realidade. Nem todos conseguiram", finaliza Aldo.

A expulsão! Mas era apenas um momento difícil

Vanessa Werneck, mãe de Vitor, 3 anos, relata um momento bastante sofrido para toda a família, que contribuiu muito para o comportamento agitado de seu filho. Sem analisar as condições em que o menino estava vivendo, a escola que ele frequentava tomou a decisão de expulsá-lo – na época, com apenas 2 anos de idade.

Filho do meio, Vitor sempre fora muito ativo e cobrava atenção de sua mãe, que, buscando se dividir entre o trabalho, a casa e as crianças, confessa que tinha pouca disposição para se dedicar a ele como deveria, principalmente devido ao desgaste físico e emocional por que estava passando. Quando Arthur, o filho mais novo, nasceu, Vitor, que já dividia a atenção dos pais com a irmã mais velha, passou a demonstrar ciúmes da relação deles com o bebê. Foi aí que as reclamações na escola começaram a surgir: comportamento agitado, agressividade etc.

Ainda vivendo o puerpério, Vanessa precisou se ausentar de sua casa: Arthur teve problemas de saúde e ficou 19 dias na UTI. Sentindo a falta da mãe, o comportamento de Vitor agravou-se ainda mais.

De acordo com Vanessa, apesar de ter um pai muito afetuoso e presente, Vitor reclamava pela mãe, que, mesmo quando estava por perto, não conseguia lhe dar a atenção devida, pois se sentia cansada e sem paciência. Após a alta do bebê, os pais receberam uma carta da escola, que sabia de todo processo vivido pela família, pedindo o afastamento do aluno. "Fui pessoalmente até a escola, e na conversa presencial a diretora deixou clara a decisão de expulsá-lo. Ela dizia que a escola não conseguia lidar com esse tipo de criança e levantou a hipótese de ele precisar de cuidados especiais", afirma Vanessa.

Vitor era muito pequeno e mal conseguia se comunicar; então, os pais optaram por procurar um psicólogo. Após o acompanhamento, o profissional relatou não haver nada de errado na vida do pequeno, mas atentou para o momento de mudança pelo qual Vitor estava passando e para sua necessidade de receber mais atenção e dedicação. Assim, os pais passaram a ficar mais perto do filho e a proporcionar um tempo de qualidade juntos.

Rapidamente, Vanessa e o marido procuraram outra escola, explicaram todo o processo por que estavam passando e, com muito cuidado e amor de todos os envolvidos – escola e família –, tudo se normalizou.

O psicólogo Lev Vygotsky ilustra bem essa história quando defende que o sujeito postulado pela psicologia histórico-cultural é produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos e externos às situações sociais de desenvolvimento em que está envolvido.

A escola está atenta ao comportamento do aluno. "Nunca tivemos nenhum problema com o Vitor, que se relaciona bem com a turma e se desenvolve normalmente, de acordo com sua idade", diz Edilene Ferraz, coordenadora pedagógica da escola Kids Art, na zona leste de São Paulo.

A mãe, por sua vez, chegou a uma conclusão que exclui qualquer diagnóstico clínico. "Fizemos uma parceria perfeita com a nova escola, mas o que ele precisava mesmo era de paciência, de colo. Precisava de mim, precisava de amor de mãe", finaliza Vanessa.

Ensinar valores é preparar para um futuro de valor.

Escola de valor
Significando a vida e a arte de educar
Maria Helena Marques Rovere

Será a escola capaz de tornar nossos dias mais valiosos? Como a educação pode resgatar o desejo de viver em comunidade? Por que optar por uma educação que ensine a viver melhor? Este livro é uma forma de pensar a educação como uma experiência de felicidade, compartilhando sonhos, projetos de vida e, sobretudo, os mais nobres valores humanos, para criar um espaço escolar mais ético e propício ao exercício da cidadania.

200 págs.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

editorapaulus

PAULUS

Por Tayane Freitas* e Janaína de Melo**

ATIVIDADE FÍSICA,

o melhor investimento para uma vida saudável

Sabemos que o estresse faz parte da vida da maioria das pessoas. Seu conceito nada mais é que a combinação de sensações físicas, mentais e emocionais que resultam de variados estímulos de preocupações, medos, ansiedade, pressões psicológicas e fadiga física e/ou mental, que acabam exigindo adaptação ou produção de tensão (LIPP; NOVAES, 2000).

Em 1910, o médico inglês Willian Osler observou, em suas pesquisas, que o excesso de trabalho e de preocupações estava relacionado a diversas doenças coronarianas, igualando, então, o termo *stress* (eventos estressantes) a "trabalho excessivo" e o termo *strain* (as reações orgânicas ao *stress*) a "preocupação".

A partir de então, pesquisas e estudos vêm sendo feitos com o intuito de detectar, prevenir, reduzir e controlar as causas e efeitos da doença sobre a saúde física, mental e psicológica do homem.

E, já que o problema faz parte de nossas vidas, é importante saber controlá-lo. Determinado nível de estresse é normal e saudável, pois auxilia o indivíduo a enfrentar os desafios do dia a dia. Entretanto, níveis elevados causam reações nada agradáveis.

De acordo com Battison (1998), os sintomas do estresse variam de pessoa para pessoa, mas os mais comuns são ganho ou perda de massa corporal, padrões de sono irregular, problemas respiratórios, domínio da angústia mental – causando depressão e introversão –, falta de cuidado com a família, baixo rendimento no trabalho, oscilações de humor e comportamento, entre outros.

Existem algumas estratégias, estilos de vida e métodos eficazes na prevenção, redução e controle do problema. Entre eles, podemos destacar as atividades físicas, que contribuem para a redução do estresse, melhora da imunidade orgânica e benefícios cardiovasculares. Estudos realizados por Steffen *et al.* (2001) relacionados ao estresse e à atividade física demonstraram que o exercício regular proporciona uma boa saúde psicológica.

Conforme Niemman (1999), existe grande influência do *fitness* físico sobre o *fitness* social, emocional e intelectual, por conta do impacto psicológico da atividade física sobre o estresse, a depressão e a ansiedade. Melhorando a saúde mental, melhoramos a autoestima e o sono, devido às adaptações biológicas causadas pela atividade física, que diminuem a depressão e a ansiedade.

Todos os tipos de atividades físicas são eficazes, e, quanto maior a duração do programa e o número de sessões realizadas, melhores serão os resultados.

O exercício físico é fundamental porque, à medida que o indivíduo se adapta ao aumento da frequência cardíaca, da pressão arterial e dos hormônios do estresse que ocorrem durante o exercício, o corpo é fortalecido e treinado a reagir mais calmamente quando as mesmas respostas são desencadeadas por um estresse mental ou emocional.

Sabemos que a rotina diária não favorece hábitos saudáveis; porém, existem alternativas para que, aos poucos, esse quadro seja amenizado. Selecionamos algumas para facilitar a inserção das atividades físicas básicas no seu dia a dia:

- Parques: fazer caminhadas com duração de, no mínimo, 30 minutos diários melhora o condicionamento cardiovascular, reduz o nível de pressão arterial e combate a osteoporose – devido ao impacto dos pés com o chão –, além de melhorar a disposição e a depressão.
- Espaços com aparelhos adaptados pela prefeitura para fazer alongamentos e esportes em geral (skate, basquetebol, voleibol, handebol, bicicleta, futebol, patins, entre outros). Recomenda-se que nesses aparelhos sejam feitas três séries de 15 repetições com a finalidade de trabalhar a resistência muscular, diminuindo os riscos de lesões nas articulações e estruturas ósseas.
- Aplicativos: hoje em dia, com o desenvolvimento da tecnologia, existem aplicativos gratuitos que oferecem organização/periodização realizada por profissionais da área. Isso facilita a vida do aluno que sofre com a falta de tempo ou de espaço para fazer exercícios. Para isso, basta ter acesso à internet, já que atualmente existem redes de Wi-Fi localizadas inclusive em praças e lugares públicos.
- Alongamento (ginástica laboral): algumas empresas, preocupadas com a saúde de seus funcionários, contratam uma equipe terceirizada para estimular a prática do alongamento em determinados períodos durante o horário de trabalho. Mas vale lembrar que essa contratação não tem caráter obrigatório e nem está dentro das leis trabalhistas, é totalmente opcional. O alongamento melhora a aptidão física, corrige a postura, aumenta a sensação de bem-estar e pode ser feito diariamente entre as atividades que estejam na rotina do dia a dia, inclusive nos intervalos de aulas.

Além dessas opções, você também poderá realizar os mesmos exercícios em sua própria residência, de acordo com as limitações de espaço. Também existem opções como o atendimento personalizado/individual ou em grupos, que têm sido ótimas saídas para economizar tempo e facilitar o deslocamento.

Por isso, antes de tomar qualquer decisão, organize-se para que a atividade física se torne um investimento na sua saúde. Como dissemos acima, ela é importantíssima para melhorar a qualidade de vida, promover a saúde e envelhecer de maneira saudável.

* Tayane Freitas Almansa é professora de Educação Física formada pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU (2009), com especialização em Gerontologia pela Faculdade de Medicina da USP (2013) e Capacitação em Treinamento Resistido na Saúde, na Doença e no Envelhecimento pela FMUSP (2014).

** Janaína de Melo da Silva é professora de Educação Física formada pela Universidade Cidade de São Paulo – Unicid (2010), com Capacitação em Treinamento Resistido na Saúde, na Doença e no Envelhecimento pela FMUSP (2015).

UM MINUTO DE SILÊNCIO pela morte dos e-books

O título deste artigo é uma mentira – e eu o escrevi somente para chamar a atenção dos menos simpáticos ao tema. Estou dando a oportunidade de pararem de ler aqui, logo no início. Agora, mesmo não sendo simpático ao digital, convido que leia e pense a respeito. Se você resolveu continuar, vamos ao que interessa...

O mercado do livro é um mercado relativamente unido, pois falamos de um mercado onde não gira tanto dinheiro, meio intelectual e em que, de certa forma, todo mundo se entende.

No entanto, fiquei horrorizada ao perceber a polarização que um artigo gerou. A matéria, publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo* no ano passado, falava sobre a estagnação ou até a queda no mercado de e-books nos EUA. Pude ver, incrédula, que profissionais do livro comemoraram a "decadência" de um formato de leitura. O que senti nas redes sociais foi mais um Fla x Flu no qual, de um dos lados do campo, estava o formato digital. Será que fui tendenciosa na minha análise? Será que entendi errado?

Isso me assusta... É como uma empresa que torce contra seu próprio produto. Torcendo para não vender, torcendo para seu conteúdo dar errado, torcendo para um (dos inúmeros formatos) "encalhar". Esquecendo completamente que livro é conteúdo, e que o formato digital é uma forma de ele chegar a todos os lugares (estamos falando de Brasil: logística muitas vezes ineficiente, dimensões continentais e índices vergonhosos de leitura, certo?).

E mais... Quando falamos em crescimento ou queda do livro digital, estamos falando em crescimento ou queda dos índices de leitura. Portanto, não é um dado que indica que possamos torcer contra, concordam?

Vamos falar em termos práticos. Na minha visão, na visão de quem trabalha na Kobo, o digital cresceu ano passado no Brasil menos do que gostaríamos. Por outro lado, o livro de papel caiu, e caiu bastante. O que vejo com pesar imenso, mesmo eu sendo profissional do livro digital.

Esses dados poderiam estar ainda melhores se parássemos de separar o conteúdo do formato (papel e e-book) e fôssemos mais racionais ao falar disso.

O autor (o bom autor) quer ser lido, e os formatos digitais são algo inimaginavelmente gratificante para ele, que quer ser lido em qualquer lugar, mesmo nas cidades onde não existem livrarias. Captou? Seu livro, a qualquer hora, em qualquer lugar do mundo? Será que isso está claro para os profissionais do livro, professores e educadores?

O lado bom daquele artigo publicado na *Folha de S.Paulo* foi que me vi novamente lutando pelo meu ideal, que não é somente ligado a um formato, mas à democratização da leitura.

Muito ainda temos de andar; muito ainda temos de fazer para desmistificar o formato digital e muito há de se despolarizar. Precisamos entender melhor o mercado e distribuir bem as ações, evitando, assim, ficar nas mãos de uma livraria somente. Precisamos pensar em marketing para o formato digital; precisamos de criatividade.

Editor, professor e educador, se o formato digital não está indo bem, você é parte disso. Não comemore um fracasso, pois o que importa para todos nós é a leitura.

* Camila Cabete tem formação clássica em História e foi responsável pelo setor editorial de uma editora técnica, a Ciência Moderna, por alguns anos. Foi uma das fundadoras da Caki Books. Hoje, é Brazil Senior Publisher Relations Manager da Kobo e possui uma *start-up*: a Zo Editorial.

Livros digitais podem estimular a leitura?

Inserir os livros digitais no ambiente escolar é tarefa que exige planejamento e uma proposta pedagógica em que faça sentido a presença dessa plataforma eletrônica, pois ela não deve ser o foco das atividades, mas apenas uma nova forma de assimilar conteúdos com mais dinamismo e facilidade.

Ainda se discute se os livros digitais podem efetivamente modificar os hábitos de leitura do brasileiro, mas fato é que algumas vantagens estão claras em sua utilização:

- O baixo preço de livros adquiridos em formato digital;
- a facilidade de transporte e manuseio;
- a possibilidade de acessar conteúdos extras através de links diretos.

Mas como fazer uso de tais benefícios com alunos em sala de aula?

Para pesquisadores do tema, a criança nascida na era informatizada tem maior traquejo com as ferramentas digitais, o que permite oferecer a ela o estímulo de ler em um dispositivo que ela já domina e que faz parte de seu cotidiano. Porém, para que essa estratégia se mostre realmente efetiva, os estudiosos ressaltam que é preciso acompanhar as primeiras leituras dessa criança, oferecendo diálogo e desenvolvimento crítico para que não seja apenas um passatempo.

Os ganhos do hábito da leitura estão presentes em qualquer plataforma. Melhora no vocabulário, incremento à imaginação e reforço na capacidade de concentração podem também ser adquiridos através de livros digitais, desde que aconteçam com o suporte de docentes preparados para tal empreitada.

Sabe-se que a internet possibilitou o acesso a um vasto campo de saberes reunidos de forma desorganizada na grande nuvem de informações *on-line*. Mas tal fato não pode ser desacoplado de uma forma de mediação de leitura, fundamental para quem está começando a jornada como leitor – a conquista do gosto pela leitura deve começar aí e seguir por toda a vida.

Comportamentos sociais

Ler é ação inserida em uma gama de comportamentos sociais definidores de um povo. Se como brasileiros ainda carecemos de massas leitoras amadurecidas, podemos começar o processo utilizando as ferramentas do século XXI para introduzir o jovem leitor em um mundo de possibilidades. Um bom exemplo do leque de opções que a leitura na rede fornece é que em uma aula de português, por exemplo, o aluno pode acessar um texto pelo seu tablet e, depois de lê-lo, pesquisar imagens e vídeos na internet que se relacionem ao universo abordado – seja ele referente ao mundo atual ou a uma particularidade de outro tempo.

É importante ressaltar que os livros digitais e suas facilidades não excluem a necessidade humana de partilhar vivências e saberes que a leitura provoca e faz florescerem. Aí também surge a figura do educador como mediador do rico processo da leitura para um jovem em formação.

** A Árvore de Livros é a maior plataforma de leitura digital da América Latina. Sua missão é melhorar a leitura nas escolas e criar mais leitores no Brasil inteiro!

paulus.com.br

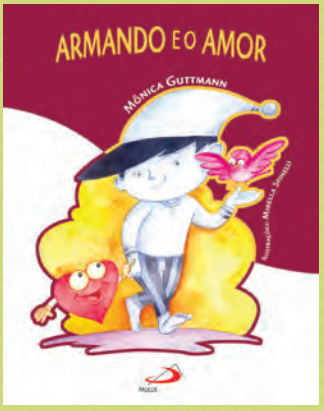
editorapaulus

PAULUS

ARMANDO E O AMOR

Especial Formação de Professor

PAULUS



Armando e o amor

Autora: Mônica Guttmann
Ilustrações: Mirella Spinelli
Formato: 21,5 cm x 27,5 cm
Número de páginas: 32
Elaboração do Projeto: Beatriz Tavares de Souza

*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

Apresentação

Este projeto é inspirado no último livro da coleção **Armando**. A obra fala da curiosidade e das descobertas conduzidas pelo coração do personagem principal, Armando, depois que ele percorre vários caminhos em busca de respostas sobre o amor. O garotinho descobre as mais diversas formas de expressar esse sentimento, até concluir que é possível, sim, que o amor tenha mais força do que as tragédias, o medo e o terror.

Justificativa

A história aborda valores e envolve o cotidiano e o comportamento das pessoas, provocando questionamentos sobre os sentimentos e sua capacidade de transformar o mundo. O que é o amor? Para que serve? Ele pode mudar o mundo? Será que a Terra é movida apenas por ódio e guerra?

Projeto pedagógico

Como reconhecer as muitas formas de amor.

Temas secundários

Tolerância, amizade, injustiças, guerras e violências.

Áreas de conhecimento

Língua Portuguesa, Artes, Ciência, História, Geografia, Psicologia e Filosofia.

Temas transversais

Ética, pluralidade cultural e meio ambiente.

Indicação

Indicado para alunos do 1º ao 2º ano do Ciclo 1.

Objetivos

Auxiliar os alunos a desenvolver as habilidades de leitura e escrita, bem como explorar seus conhecimentos linguísticos a partir da construção de significados.

Antes da leitura

Leve à sala de aula notícias ou fotos da atualidade que possam retratar o planeta Terra, o meio ambiente e a vida das pessoas sob os aspectos étnico, social e econômico. Converse com os alunos e explore assuntos relacionados aos sentimentos das pessoas, sejam aqueles que elas desenvolvem umas pelas outras, sejam aqueles que agem em favor delas próprias. Procure falar sobre os acontecimentos mundiais, as atitudes dos homens e quais os desafios enfrentados pela natureza em razão da falta (ou não) de amor. Em seguida, organize-os em círculo e abra um debate sobre o assunto. Anote o resultado, as opiniões e as dúvidas esclarecidas. Levante questões: como é o comportamento dos indivíduos na sociedade de hoje? Em sua opinião, qual(is) é(são) a(s) causa(s) de tantos conflitos, guerras, desigualdades, intolerância e miséria humana?

Navegando nas ilustrações

Convide os alunos para manusear o livro, fechar os olhos e, com os dedos, percorrer as páginas, sentindo a textura e o aspecto do papel. Pergunte: qual é a percepção que vocês têm? As folhas são lisas? Ásperas? Peça para abrirem os olhos e fazerem um mapeamento das ilustrações. Pergunte: quais as cores utilizadas para ilustrar os textos? Quais predominam? Você pode imaginar os materiais usados pela ilustradora? Lápis? Grafite? Pincel? Tinta a óleo?

Ajude-os a encontrar os significados das imagens, palavras, cores, linhas e formas. Fale sobre o estilo de desenho que a ilustradora seguiu: ela usou figuras abstratas? Concretas? Humanas? Geométricas? Qual desenho mais chamou sua atenção? Por quê? Em sua opinião, o que poderiam representar as ilustrações da capa? E as das páginas 4, 5, 10, 16 e 22?

Iniciando a leitura: das imagens para a linguagem escrita

Para a compreensão da linguagem escrita, levante hipóteses e faça o monitoramento do processo de leitura. Em relação ao estudo do texto, é interessante que os alunos realizem, em um primeiro momento, uma leitura silenciosa. Em seguida, e a lápis, eles devem sublinhar de leve as palavras que por acaso não consigam ler ou cujo significado desconheçam. Depois, é hora da releitura, mas revezando os papéis: ora você, ora um aluno, ora outro toma a palavra. Sirva de modelo para a classe observar a expressividade, a entonação, o ritmo, as pausas etc.

Exemplos de perguntas:

Com este título, *Armando e o amor*, que assunto o livro pode abordar? Onde e em que ano ele foi publicado? Por qual editora? Como se chamam a autora e a ilustradora?

Compreensão de leitura

• Organize os alunos em grupo e proponha-lhes as seguintes atividades:

1) Converse com seu grupo sobre o que você leu. Discutam sobre o livro, quem aparece no texto, onde a história acontece e qual é o principal evento.

2) Caracterize Armando, escolhendo a alternativa que mais combina com sua personalidade:

a. Armando é curioso, faz muitas perguntas.
b. Armando não se interessa muito por saber das coisas.
c. Armando é curioso, decidido, obstinado em saber o sentido da vida.

3) Preencha as lacunas com base nos textos das páginas 4 e 5:

Armando deseja encontrar o principal sentido da vida. Por que o tempo de vida _____ *é bem maior do que de outras? Será que as pessoas* _____ *o que desejam e o que* _____ *desejam? Por que* _____ *algumas pessoas* _____ *suas vidas a ajudar os outros em* _____ *comunitários? São sempre tantas e tantas perguntas que Armando faz...*

4) Você também já se perguntou por que a vida de alguns é diferente da de outros? Sim? Não?

_____

5) Em seu caderno, responda, escrevendo, desenhando ou colando recortes de notícias/figuras extraídas de revistas ou jornais: em sua opinião, o que falta para as pessoas se tornarem amigas e ajudarem quem precisa?

6) Você sabe explicar o sentido de "trabalhos comunitários"?

_____

_____

7) De acordo com a página 7, qual foi a resposta dada a Armando pelo pequeno coração brilhante?

_____

_____

8) Descreva o sentido maior da vida que Armando ouviu do coração:

_____

_____

9) De acordo com a página 10, o que também pode significar o amor?

_____

_____

10) Faça como Armando! Você é capaz de desenhar as várias expressões do amor? Cumpra esse desafio em seu caderno.

Para refletir

1) Amar também significa não tolerar, não deixar as coisas como estão, segundo o livro. Você pode explicar o significado da palavra "intolerante"?

_____

_____

2) Agora, responda:

a. Em sua opinião, por que devemos ser intolerantes com as brigas entre as torcidas organizadas de times de futebol?

_____

_____

b. Podemos tolerar a desonestidade dos políticos?

_____

_____

c. Por que devemos ser intolerantes com o desmatamento e os maus-tratos com os animais?

_____

_____

3) Você sabe o significado das palavras "regar" e "nutrir"? O livro revela como é importante nutrir e regar as expressões de amor. Explique o significado disso.

_____

_____

4) Você sabia que Deus expressa um grande amor pelo mundo? Tente descobrir e, depois, escreva como Ele mostra esse amor por nós. Depois, com suas palavras, explique como podemos nutrir e regar o amor no mundo.

_____

_____

Exercitando a gramática

1) Separe os sujeitos dos predicados nas orações abaixo. Observe o modelo:

O coração brilhante pegou na mão de Armando, seguiu andando com ele.

Sujeito: O coração brilhante

Predicado: pegou na mão de Armando, seguiu andando com ele.

a. *Armando e o coração brilhante ficaram por algum tempo contemplando o planeta.*

Sujeito: _____.

Predicado: _____.

b. *Armando convidou várias crianças para desenharem com ele as expressões de amor que encontravam pelo caminho.*

Sujeito: _____.

Predicado: _____.

2) Classifique os sujeitos em **simples** ou **composto**:

a. Armando deseja encontrar qual é o sentido principal da vida. _____.

b. A violência, o ódio e o medo são fracos. _____.

c. O amor é mais forte, tem mais força que o ódio. _____.

3) Leia as frases e destaque as preposições:

a. Talvez todos os habitantes do planeta Terra não estariam mais por aqui!

b. O amor ainda não teve força suficiente para eliminar tantas injustiças e violências na Terra.

c. Armando ficou contente e surpreso com as imagens de amor que as crianças desenharam.

4) Leia o texto abaixo:

Por que algumas pessoas dedicam suas vidas a ajudar os outros em trabalhos comunitários? O que faz com que as pessoas precisem umas das outras? Será que existe algum ser humano que vive isolado, sem necessitar de ninguém? Onde e por que nasce uma amizade? Será que ser amigo é a mesma coisa para todas as pessoas? São sempre tantas e tantas perguntas que Armando faz...

— Armando, o maior sentido da vida é aprender a amar cada vez melhor!

a. Faça um círculo em volta dos encontros vocálicos.

b. Grife os encontros consonantais.

c. Destaque os dígrafos, colorindo-os.

d. Quais foram os sinais de pontuação empregados no texto?

_____

_____

Vocabulário

Busque primeiro no texto e, depois, recorra ao dicionário para descobrir qual é o sentido das palavras "inspira", "engloba", "aprendizados", "intolerante", "contemplar", "expressão", "generosos" e "comprometido".

Um assunto leva ao outro: desafio!

Armando conhece pessoas que demonstraram várias atitudes de amor. Agora, é a sua vez:

1) Revele também o que você sabe. Conhece alguém do seu convívio familiar ou social que seja conhecido pelas suas experiências de amor? Não? Sim? Fale aos colegas sobre essas pessoas e o que elas fizeram para expressar seu amor.

2) Vá além com os colegas do seu grupo. Pesquisem sobre pessoas que dedicaram a vida a ajudar os outros. Dicas: Madre Teresa de Calcutá, Frei Damião, Airton Senna, Irmã Dulce, Dra. Zilda Arns Neumann, Irmã Dorothy Mae Stang... Qual foi a expressão de amor dessas pessoas?

3) Coloque o resultado da pesquisa em cartazes/murais. Apresente-os para os alunos das demais classes ao final do trabalho de leitura.

Sugestões para avaliação

Participação nas atividades, atendimento às propostas de trabalho, desempenho nos trabalhos em grupo e nos debates e criatividade.

Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo oferecer subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Armando e o amor*, da PAULUS, e que não pretendem ser determinantes no trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.

Projeto Pedagógico

encartado junto com a revista | Edição 70

Páginas Abertas

Formato prático: Para retirar este encarte, basta juntar as oito páginas e puxá-las.

PAULUS

Conheça outros projetos pedagógicos no site: paulus.com.br

A gata Faísca

Divulgação

Era madrugada. Aquele desumano, querendo se livrar dos inocentes, encheu um saco de gatinhos de poucos dias de vida e saiu às pressas. Como toda covardia, fora arquitetada no meio da noite escura. Numa travessia, longe de tudo, abriu o saco e soltou os bichanos aos miaus. Que desespero! Sem água, sem comida, sem sombra, sem nada. Os bichinhos só sabiam miar. A maioria desfaleceu em poucos dias.

Faísca, embora rouca e trêmula, arrastou-se caatinga adentro. Um dia, já quase sem forças, encontrou uma poça d'água. Na verdade, mais lama que água. Foi a água mais saborosa de toda a sua vida. Uma espécie de milagre. Seus olhinhos se enverdearam de esperança.

O céu havia mais de seis meses não chovia uma gota. A vegetação era toda cinza. Aqueles olhinhos brilhosos de Faísca avistaram uma árvore com folhas verdes, bem longe. Parecia uma miragem. O horizonte tremia de tão quente. A distância não tinha importância. Faísca seguiu, abrindo caminho, mirando o infinito.

Era um pé de juazeiro. Na imensidão da caatinga, era a única árvore com folhas. Faísca jamais havia visto algo tão belo. A sombra fria lhe acalmou o medo. Não miou, mas seu olhar era choro de alegria. As lagartixas passeavam mansamente, os pássaros cantavam na copa frondosa e pousavam calmamente ao lado de Faísca. Fome não havia mais.

A vida, porém, não é feita só de estômago. Saciada a fome, há outros desejos maiores. A solidão apertava o peito de Faísca. Desejava sentir-se em casa no mundo.

Bem próxima ao juazeiro havia uma estrada. Sem muito movimento. Mas, vez em quando, Faísca ouvia rumores, vozes e barulho de motor. No terceiro dia ela aproximou-se da estrada. Deitou-se à margem. Adormeceu em paz. Quando acordou, duas pessoas olhavam para ela. O olhar de ambas era de afeição. Gato deve ter habilidade para ler olhares. Era um casal. A mulher acariciou Faísca e a pôs no colo. Faísca sentiu-se querida pela primeira vez na vida.

A morada do casal era a mais simples do povoado. Casa de poucos cômodos e muita gente. Era o lugar da acolhida. A dona da casa nunca fizera comida somente para os de casa. Havia sempre um prato para Jesus. Ali Faísca encontrou um lar. Não demorou a se enturmar e fazer amizade com os outros gatos, que eram vários, de pelos diversos e olhos de todas as cores. O telhado, o terreiro, a casa toda era acessível a eles.

Os poderosos da região viviam reclamando dos ratos que empesteavam suas casas. Nem ratoeiras, nem veneno davam conta de eliminá-los. Os olhos de Faísca diziam: a culpa nem é dos ratos, é do orgulho, da prepotência, da falta de humanidade que rejeita gente e animais. A casa de Faísca tinha paz.

* Antonio Iraildo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Letras e Regionalidade. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Publicou o livro *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* pela PAULUS.
E-mail: iraildo@paulus.com.br

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2017:

CONHECER E PRESERVAR os biomas brasileiros

No ano de 1987, durante um encontro de formação sobre comunidades de base, me encontrei com Dom Angélico Sândalo Bernardino – na época, bispo na então região episcopal de São Miguel Paulista da Arquidiocese de São Paulo. Dono de oratória e empatia invejáveis, ouvi este provérbio que nunca mais esqueci e sempre que posso o utilizo, no desejo de perpetuar os ensinamentos desse profeta dos pobres e das periferias: "O cristão que não reza vira bicho. E o cristão que só reza e não ajuda os pobres vira bicho-preguiça". Nas trilhas deste incansável cuidador que é Dom Angélico, somos agora convidados, pela Campanha da Fraternidade, para conhecer, defender e renovar nossa missão de cuidadores da Terra, nossa Casa Comum.

Conhecer para preservar: voz profética de uma igreja

Não é a primeira vez que a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) pauta sua preocupação para com a ecologia. De sua criação, em 1964, transcorridos os anos de sua implementação e renovação estrutural da Igreja no Brasil, impulsionada pela realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), o primeiro tema relacionado ao meio ambiente numa Campanha da Fraternidade aconteceu em 1979. Na época, com o tema "Por um mundo mais humano", buscou-se destacar a preservação da natureza, algo que não tem dono e nem partido, pois pertence a todos.

De lá para cá, em seis ocasiões foram escolhidos temas relacionados às questões ambientais: em 1986, "Fraternidade e a terra – Terra de Deus, terra de irmãos"; em 2004, "Fraternidade e a água – Água, fonte de vida"; em 2007, "Fraternidade e Amazônia – Vida e missão neste chão"; em 2011, "Fraternidade e a vida no planeta – A criação geme em dores de parto (Rm 8,22)" e em 2016, "Casa Comum, nossa responsabilidade – Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca (Am 5,24)". Este ano, a preocupação recai sobre o conhecimento dos biomas brasileiros.

"É preciso levar em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, em um sistema ordenado, que é justamente o cosmos", definiu papa João Paulo II o conceito de bioma.

Nossos biomas, nossas casas

Para cuidar dos biomas brasileiros e ver neles a garantia de nossas vidas, urge conhecer e promover relações de cuidados com a vida e a cultura de nossa gente. Da Mata Atlântica, que há quatro séculos cobria 13,04% de nosso território, restam apenas de 8,5% a 12% de sua originalidade. Nesse bioma, onde se encontram os estados localizados na costa brasileira, residem 70% da população brasileira. Atualmente, a especulação imobiliária, o agronegócio, o corte ilegal de árvores e a poluição ambiental são os principais fatores responsáveis pela destruição desta floresta que abriga as nascentes dos rios São Francisco, Paraíba do Sul, Doce, Tietê, Ribeira de Iguape e Paraná, que abastecem mais de 110 milhões de brasileiros em 3,4 mil municípios.

O bioma amazônico cobre 61% do território nacional. Formada por mais de 1.100 afluentes, a região concentra a maior bacia hidrográfica do mundo, responsável por lançar

ao mar mais de 175 milhões de litros de água por segundo. A Amazônia é cobiçada por corporações do mundo inteiro, cada uma em seu respectivo ramo. Recentemente, madeireiras aprovaram propostas de manejo florestal em órgãos oficiais para retirar árvores nobres da floresta de áreas de reserva e de terras indígenas.

A Caatinga – mata branca, na língua Tupi – ocupa 11% do território nacional. Ao contrário do que muita gente imagina, há rica e vasta diversidade de fauna e flora nesse bioma. Abriga 178 espécies de mamíferos, 591 de aves, 177 de répteis, 79 de anfíbios, 241 classes de peixes e 221 espécies de abelhas. O triste é perceber que o aumento das queimadas criminosas e a produção de tijolos e carvão, nos últimos 15 anos, fizeram com que 40 mil quilômetros da Caatinga se transformassem em deserto.

Grande parte da formação do bioma do Cerrado é formada pelos estados de Goiás (96,6%), Tocantins (75,6%), Mato Grosso do Sul (59,3%), Mato Grosso (48,3%), Minas Gerais (46,7%), Maranhão (42,1%) e Piauí (38,6%). Outras partes menores incluem os estados de São Paulo (30,6%), Bahia (21,4%), Rondônia (6,7%), Paraná (2,7%), Pará (0,1%) e Distrito Federal (100%). Vivem no bioma do Cerrado 22 milhões de pessoas. Para os biólogos, o Cerrado é conhecido como a "caixa d'água do Brasil". Em seu subsolo acumula-se grande quantidade de água, formando importantes aquíferos.

Reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera, o bioma do Pantanal é importante em função de sua diversidade ecológica. Forma uma das áreas mais úmidas da Terra, agrupando os estados de Mato Grosso (região sul), Mato Grosso do Sul (noroeste) e parte do Paraguai (norte) e da Bolívia (leste). As cheias chegam a ocupar 80% do Pantanal em épocas de chuva, transformando a região no mais importante berçário para as aves aquáticas e migratórias.

O bioma Pampa ocupa 63% do território do Rio Grande do Sul, representando 2,07% do território nacional. Ele se estende aos territórios da Argentina e Uruguai. Nesse bioma abrigam-se cerca de 3.000 espécies de plantas, 500 espécies de aves e mais de 100 espécies de mamíferos. A supremacia do interesse econômico é o principal responsável pela descaracterização desse bioma. O grande latifúndio impôs o monoplantio do eucalipto, da acácia, do pinus e outros, projetos que mudaram a vocação da região sem considerar a cultura e natureza da região, inviabilizando a agricultura familiar e provocando impactos ambientais.

Contribuição eclesial e profecia

Nos diferentes biomas a presença profética da Igreja foi e seguirá exigindo posicionamentos proféticos. Jesuítas, franciscanos, carmelitas, entre outras congregações, aproximaram-se de nossa gente na defesa de seus interesses e da preservação de suas culturas.

Padre Ibiapina e Padre Cícero são alguns exemplos de autênticos evangelizadores e testemunhas de amor e entrega ao povo brasileiro. Como não referendar os ensinamentos de Padre Cícero, que, antes de morrer, nos legou os Dez Mandamentos do sertanejo – os quais, em nossos dias, somos obrigados a conhecer e atualizar?

1 – Não derrube o mato. Nem mesmo um só pé de pau;
2 – Não toque fogo no roçado. Nem na caatinga;
3 – Não cace mais. Deixe os bichos viverem em paz;
4 – Não crie o boi nem o bode soltos. Faça cercados. Deixe o pasto descansar para se refazer;
5 - Não plante de serra acima. Nem faça roçado em ladeira muito em pé. Deixe o mato protegendo a terra, para que a água não arraste a sua riqueza;
6 – Faça uma cisterna no oitão de sua casa, para guardar a água da chuva;
7 – Represe os riachos, de 100 em 100 metros, ainda que seja com pedra solta;
8 – Plante cada dia pelo menos uma árvore. Um pé de caju, de sabiá, ou qualquer outra. Até que o sertão todo seja uma mata só;
9 – Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, tais como a maniçoba, a favela, a jurema, e tantas outras. Elas podem ajudar você a conviver com a seca;
10 – Se obedecer a esses preceitos, a seca vai se acabando aos poucos. O gado vai melhorando e o povo terá sempre o que comer. Se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.
Padre Cícero Romão Batista (1844-1934).

Está lançado o desafio: ou cuidamos das belezas e das fragilidades de nossos biomas ou corremos o risco de não somente virar "bicho-preguiça", como brinca Dom Angélico, mas uma espécie de bicho extinta.

* Antonio C. Frizzo é professor de Teologia Bíblica no ITESP e assessor regional da Campanha da Fraternidade, CNBB, Regional Sul I. Padre na diocese de Guarulhos.
E-mail: acfrizzo@uol.com.br.

Para que serve PENSAR?

Divulgação

Há mais ou menos dois milhões de anos, quando um possível ancestral do homem amolou uma pedra e fez uma faca, ele estava dando início ao que chamamos de humanidade. Não é exclusivamente humano construir instrumentos, alguns primatas também os constroem, mas fazer com que essa pedra continue sendo incessantemente modificada é específico dos seres humanos. E foi o que aconteceu: a pedra se tornou uma roda, uma engrenagem, o telégrafo, a fibra ótica, produtos desta inesgotável capacidade humana de interferir nas coisas, de inventar. Não somente da penicilina ao mundo digital, mas dos mitos às religiões, dos valores morais à arte, o homem continua sempre criando.

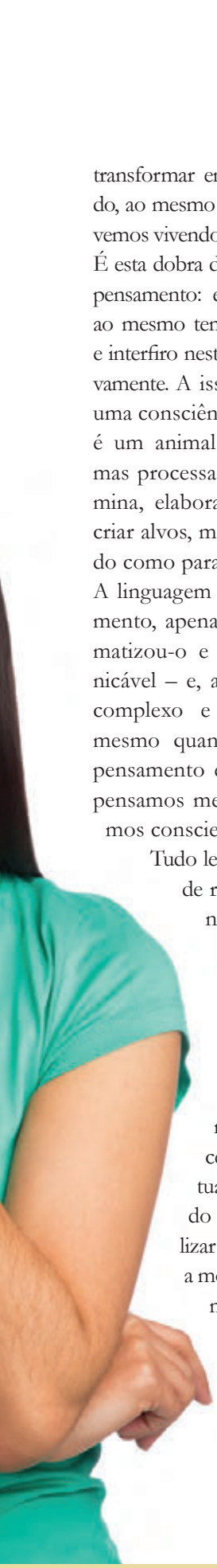
Os outros animais, mesmo possuindo inteligência, não fazem exatamente isso. O chimpanzé sabe jogar uma pedra contra um animal e se defender, mas não é capaz de desenvolver, a partir dessa pedra, uma arma mais elaborada. Mas o homem, animal incessante, é aquele que sempre modifica e transforma as coisas a seu redor, ao mesmo tempo que se transforma. A isto chamamos cultura: o cuidado, o cultivo, que faz germinar, ampliar, expandir, não somente o mundo a seu redor, mas a si mesmo.

A invenção de instrumentos, como os machados de pedra, fez com que o homem pudesse interferir na natureza. Mas a invenção da linguagem foi a grande reviravolta na história humana. Sem grandes atributos físicos, frágil diante dos inúmeros desafios da natureza, o homem encontrou a força de sua sobrevivência na vida em grupo. E a linguagem nasceu da necessidade de comunicação, imposta pela vida em sociedade; mas o poder da linguagem vai muito além da comunicação entre as pessoas.

Ao esboçar o mundo por meio de sons e, principalmente, por desenhos, traços, por escrita, a linguagem fez com que as coisas fossem vistas por outros ângulos, que tivessem diversas perspectivas. Com o filtro das palavras, o homem passou a ensaiar, testar, exercitar antes de agir. O pensamento nasceu do distanciamento do homem em relação ao mundo. Podemos dizer que pensar é olhar de fora, é criar um ponto de vista, uma perspectiva. Mas, quando pensa ao mesmo tempo que se distancia, o homem permanece vivendo e agindo; então, pensar é se desdobrar, se

transformar em dois. Pensamos quando, ao mesmo tempo que vivemos, nos vemos vivendo, e sabemos que vivemos. É esta dobra da ação sobre si mesma o pensamento: estou aqui escrevendo e ao mesmo tempo me vejo escrevendo e interfiro nesta escrita, e assim sucessivamente. A isso podemos chamar de uma consciência reflexiva. O homem é um animal que não apenas vive, mas processa o que vive, digere, rumina, elabora, reflete. Isso permite criar alvos, metas, tanto para o mundo como para o próprio homem.

A linguagem não inventou o pensamento, apenas o simplificou, esquematizou-o e o tornou mais comunicável – e, ao mesmo tempo, mais complexo e elaborado. Pensamos mesmo quando não traduzimos o pensamento em linguagem, ou seja, pensamos mesmo quando não estamos conscientes do que pensamos.



Tudo leva a crer que a capacidade reflexiva dos seres humanos tenha inicialmente se manifestado quando o homem começou a enterrar seus cadáveres, quando tomou consciência da morte. Em dado momento o homem se viu de fora, percebeu sua finitude, sua situação de fragilidade diante do mundo, e passou a ritualizar a morte. Isso mostra que a morte já o ocupava, não somente como luta imediata pela sobrevivência, mas como projeção de seu próprio destino, como preocupação.

Pensar é ser capaz de se desvincular da situação presente e projetar, abstrair, imaginar. O homem é o único animal que sabe que vai morrer. Ao ter consciência da morte, projeta seu destino e percebe a si mesmo, percebe a insegurança em que vive e constrói, não somente ferramentas que permitam sua luta pela sobrevivência física, mas concepções que expliquem ou simplesmente manifestem o mundo, como os mitos, as religiões, a filosofia, a arte e a ciência.

Pensar, segundo Aristóteles, filósofo grego que viveu no século IV A.C., é um estado que nos atinge quando nos espantamos, quando nos admiramos com alguma coisa, quando estamos perplexos. E o homem diante da vida fica perplexo. O nascimento e a morte nos deixam perplexos; a exuberância da natureza e seus fenômenos, o pôr do sol, um temporal. Um tsunami nos deixa perplexos, a violência dos homens nos deixa perplexos. Nossos afetos, nossas angústias, alegrias e paixões nos deixam perplexos.

É aí que começamos a nos perguntar: o que são a vida e a morte? O que realmente importa? Quais são as coisas que têm valor para mim? De que eu preciso pra viver? O que me fortalece? O que me faz mal? Pensar é encontrar nosso lugar no mundo, pensar é nos diferenciar da multidão. O pensamento é o que faz o homem se tornar homem.

Nosso mundo contemporâneo é o resultado de um acúmulo de invenções, de construções que foram sendo produzidas nos últimos 40 mil anos, invenções que tiveram o objetivo de arrancar o homem das malhas da natureza, ou seja, da vida.

O que nossa cultura sempre buscou foi nos afastar da animalidade. Hoje uma parte grande da humanidade vive em grandes cidades, que são monumentos desta vontade de controlar as forças que nos ameaçavam. Mas elas ainda ameaçam, e talvez nunca tenham ameaçado tanto. Mas o homem, como um ser que incessantemente muda, cresce, se amplia, não deixa de se perguntar: os rumos que nossa civilização tomou representam um real crescimento para o homem? Nossa cultura é um bom lugar para viver? Perguntar-se dessa forma é exercer em alto grau nossa humanidade, nosso pensamento. Mas o homem em nosso mundo civilizado pensa? Ou reproduz valores sem se perguntar para que servem, ou a quem servem?

Essas questões devem ser feitas todos os dias por todos nós, mas a escola, acima de tudo, deve ser a porta-voz de tais perguntas. A escola deve perguntar quem ela é, o que busca, que tipo de aluno quer formar, que contribuição quer trazer para a comunidade. E os professores devem sempre lembrar a seus alunos que somos provisórios, frágeis e que precisamos do outro, precisamos de ajuda e, acima de tudo, precisamos sempre nos perguntar: o que estamos fazendo aqui? Instigar-nos a pensar é nos lembrar de nossa condição humana, nossa fragilidade diante da natureza e de nós mesmos. Para incentivar o pensamento reflexivo dentro das escolas, precisamos que estejam todos juntos, alunos, professores, gestores, técnicos, e voltar a considerar o começo: a fragilidade e a grandiosidade da vida, da morte e do desconhecimento que nos caracteriza a todos.

* Viviane Mosé é psicóloga e psicanalista pela UFES e especialista em Elaboração e Implementação de Políticas Públicas pela mesma instituição. Também é mestre e doutora em Filosofia pela UFRJ.

MAIS COR, POR FAVOR!
Tatione Melo

Da esquerda para a direita, grafites de Tatiana Melo, Otavio Fabro (Ota) e Jeh Leal.

O Projeto Quixote aposta na educação e na arte, especialmente na cultura do hip-hop – grafite, break e rap –, como forma de aproximação de crianças e adolescentes em situação vulnerável, promovendo entre eles o empoderamento e o rematriamento

Projeto Quixote – Uma outra história

São muitas histórias – mais precisamente, por ano, uma média de 2.500 pessoas sendo atendidas, entre elas 400 crianças em situação de rua. São 28.000 atendimentos clínicos, sociais e pedagógicos oferecidos. Este é o Projeto Quixote. Considerado uma OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, sem fins lucrativos, o projeto tem como missão transformar a história de crianças, jovens e famílias em complexas situações de risco, por meio dos atendimentos clínico, pedagógico e social integrados, gerando e disseminando conhecimento.

Para cumprir essa missão, o projeto se dividiu em duas frentes: o atendimento e a formação e pesquisa. O atendimento é dividido em cinco programas: pedagógico, clínico, de atenção à família, de educação para o trabalho e refugiados urbanos.

As crianças chegam até o projeto de diversas formas. Elas podem ser encaminhadas pelas instituições educacionais e pelas UBS – Unidades Básicas de Saúde, por indicação de amigos e frequentadores ou por meio de outras parcerias que reconhecem a seriedade desse trabalho, cuja missão é colocar a arte como intermediadora na construção de uma identidade – perdida, muitas vezes, pela violência sofrida em casa e nas ruas.

As crianças e adolescentes que chegam ao local passam pelo processo de acolhimento, ou seja, um educador, acompanhado de um psicólogo, analisa, de forma lúdica, quais as demandas que eles apresentam.

Se for identificada a necessidade de atendimento psicológico, o jovem passará pelo programa clínico, em que terá a atenção individual de um profissional. A família também precisa de cuidados; principalmente as mães, que, além de receber atendimento, ainda podem passar pela oficina de artesanato, uma alternativa de geração de renda para a família.

Outro programa de destaque são as oficinas de capacitação para o mercado de trabalho, em que o aluno pode ser direcionado por meio de parceiros e também pela agência Quixote Spray Arte, que tem como objetivo contribuir com a sustentabilidade financeira do Projeto Quixote e viabilizar a inserção de jovens no mercado de trabalho.

A agência já atendeu marcas renomadas em diversos segmentos e conta com uma equipe de grafiteiros profissionais, auxiliados pelos jovens que frequentam as oficinas.

E por último, mas tão importante quanto os outros, o programa "Refugiados Urbanos": aqui, os educadores abordam crianças e jovens em situação de rua, geralmente na área central de São Paulo. Eles se aproximam, criam o vínculo, levam para dentro do projeto e o objetivo final é "rematriá-los", ou seja, reinserir essas crianças e jovens em suas comunidades de origem.

A arte levando cor para uma nova vida

"A arte é reveladora." Essas são as palavras da coordenadora pedagógica Zilda Rodrigues Ferré, que explica que o jovem, muitas vezes, chega até o projeto sem voz e sem expressão. E a arte, acompanhada de muito afeto, torna-se ferramenta essencial para a aproximação dos educadores com a criança e/ou adolescente oprimido, que, aos poucos, se sente confiante e liberto.

Ela destaca o grafite como um caminho potente de expressão. "A arte como um todo ajuda. Por meio do grafite, por exemplo, o jovem, no decorrer do curso, descobre que sabe desenhar e gradativamente vai dando voz aos pensamentos e sentimentos. O grafite é uma forma de expressão; é a expressão da periferia. Por meio dele os adolescentes se sentem inseridos em um grupo, o que é algo importante nessa fase. Eles passam a ter o sentimento de pertencimento a uma tribo, descobrem um lugar no mundo", diz.

E são inúmeros os exemplos de jovens que se transformaram pelas ações do projeto. Tem a garota que foi expulsa da escola, apoiou-se nas oficinas, se destacou e foi contratada pela agência Quixote Spray Arte para grafitar o muro da própria escola. Tem aquela que espalhou seus grafites pelos muros do bairro onde está o Projeto Quixote; sua arte é facilmente reconhecida pelos traços fortes e vibrantes, e o grafite é uma renda que ela leva para casa e ajuda sua mãe a cuidar da irmã doente. Tem o menino que quer se aproximar da mãe e busca no hip-hop o caminho...

A arte como apoio para a educação (pedagógica)

O conceito trabalhado no projeto ganha extensão nas escolas públicas e particulares. Conforme Zilda, a arte pode revelar e libertar. E o caminho para isso vem sendo trilhado e explorado dentro do Projeto Quixote, que compartilha sua experiência com quem precisa: os professores!

Para ela, é preciso colocar a arte em pauta; afinal, as escolas recebem alunos com problemas de diversas origens que podem comprometer a aprendizagem individual e também do grupo. É preciso entender que o afeto é curativo, e um dos caminhos usados para a aproximação é a arte. Muitas vezes, o mundo da criança e do adolescente é duro, sem amor, e a consequência é a rebeldia, inclusive dentro da escola.

Nesse contexto, o projeto orienta e auxilia com visitas externas e também recebendo os professores para compartilhar com eles como é feita a aplicação da arte, do manejo, do ouvir, do amor, do afeto etc., tendo sempre em vista a realidade de uma estrutura escolar que não tem investimentos e que, muitas vezes, atende a um grande número de alunos em sala de aula, sem suporte. "O problema familiar geralmente explode na escola. As parcerias que fazemos são importantes para ajudar o professor nesse suporte e a lidar com um caldeirão de culturas diferentes. Muitas vezes, a aproximação entre o educador e o aluno fica limitada. Nossa equipe vai até a escola e também recebe os professores para conhecer nosso espaço e participar de formações que promovemos em nosso auditório, sempre com o intuito de propagar que é preciso apostar na infância", conclui Zilda Ferré.

Grafite de Gelson Those.

Grafite de Gelson Those e Ayco Danny, localizado na entrada do Projeto Quixote.

Brinquedoteca que atende as crianças participantes do Projeto Quixote.

Entrada do Projeto Quixote.

Mural com fotos de quem está ou já passou pelo Projeto Quixote.

Informações:

Projeto Quixote – Uma outra história
Av. Eng. Luís Gomes Cardim Sangirardi, 789
Vila Mariana, São Paulo – SP
(11) 5083-0449
www.projetoquixote.org.br

Diversão supervisionada:
o uso de dispositivos eletrônicos na infância

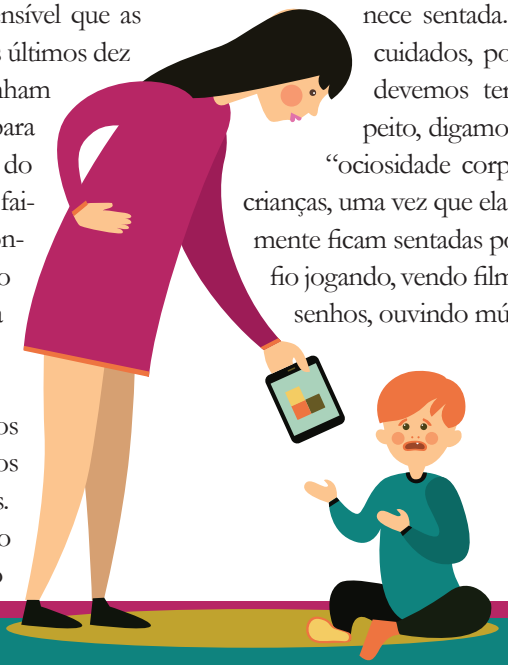
Divulgação

— Menino, me devolve esse celular! — grita a mãe para a criança de quatro anos que conseguiu, sem muita dificuldade, desbloquear o aparelho. O intuito da criança é brincar com um dos jogos que ela sabe que o dispositivo eletrônico contém.

Até aí, talvez não seja nada demais, mesmo porque as pessoas ao redor vão achar essa criança muito esperta, bem mais esperta que alguns adultos que não são muito dados às novas tecnologias. É perfeitamente compreensível que as crianças que nasceram nos últimos dez anos, por exemplo, tenham muito mais facilidade para lidar com uma tela *touch* do que adultos que estão na faixa dos cinquenta anos; contudo, por mais engraçado que seja ver a desenvoltura dos pequenos, seria bom que o acesso das crianças aos dispositivos eletrônicos fosse supervisionado pelos pais e adultos responsáveis.

Vivemos num tempo em que tudo é permitido – pelo menos é essa a ideia que se tem quando vemos muitas crianças que se portam como se não tivessem limites. Essa falta de limite, por sua vez, não é culpa pura e simples das crianças, mas dos pais e responsáveis que, por causa de uma série de fatores, não conseguem dedicar tempo (e tempo de qualidade) a seus filhos. Essa consideração é apenas uma consideração e não quero, aqui, desconsiderar o cuidado dos pais em relação a seus filhos, mas alertar para o fato de que as crianças precisam de tempo, atenção e, também, limites.

Nos últimos tempos, tem sido muito comum ver em ambientes públicos, e mesmo no interior dos lares, pais cedendo à manha dos filhos e, para evitar aquele choro sem fim, colocando nas mãos das crianças um celular ou um tablet. Os dispositivos eletrônicos têm assumido quase a função de babás (literalmente, babás eletrônicas). Uma babá que não gasta energia com as crianças, pois, na maior parte do tempo, permanece sentada. Um dos cuidados, porém, que devemos ter diz respeito, digamos assim, à "ociosidade corporal" das crianças, uma vez que elas normalmente ficam sentadas por horas a fio jogando, vendo filmes ou desenhos, ouvindo música etc.



Seria praticamente impossível, nos dias atuais, tirar definitivamente da mão de uma criança um dispositivo eletrônico; mas, com certeza, esse dispositivo não precisa ficar na mão da criança o tempo todo. Outras atividades são imprescindíveis para que uma criança tenha desenvolvimento pleno e saudável – uma delas é a movimentação física, que pode acontecer de forma simples com as brincadeiras típicas do tempo da infância. Correr, pular corda, andar de bicicleta, brincar de pique são algumas dessas atividades; com elas, também se ganha com a possibilidade de socialização e interação concreta com outra criança, e não apenas (ou prioritariamente) com uma máquina.

Se for, de fato, inevitável que as crianças, desde muito cedo, tenham um dispositivo eletrônico nas mãos, os pais e/ou responsáveis têm a missão de orientá-las quanto ao bom uso desses instrumentos e em quais momentos eles devem ser utilizados. Por exemplo, dispositivos eletrônicos e horários das refeições não combinam. Seria muito bom que o momento da refeição fosse tranquilo e propício à nutrição e à interação com aqueles (ou aquele) que acompanham a criança nesses tempos tão importantes. Sem sombra de dúvida, neste caso específico, os pais deveriam dar o exemplo, pois pouco adiantaria tirar das mãos da criança o tablet se a mãe ou o pai não conseguisse também se afastar do próprio celular. Pensemos um pouco nisso.

* Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br

A VIDA É FEITA DE ESCOLHAS.

Escolha fazer o melhor da vida!

Só por hoje

365 desafios, desejos, dicas

Canísio Mayer

304 páginas

Cada dia é uma nova oportunidade de vida. Este livro traz 365 dicas que podem tornar a vida melhor e mais significativa. Os doze meses são intercalados por um texto poético capaz de motivar a arte de ser, de viver e de conviver. Comece todos os seus dias com o pé direito!

Poéticas de varanda

Coletânea de frases de sabedoria de vida

Canísio Mayer

576 páginas

Tenha em suas mãos esta coletânea de frases de profunda sabedoria e poesias da mais pura sensibilidade humana. São verdadeiras luzes que ajudam em um duplo olhar de varanda: para dentro da casa e para dentro de nós mesmos. Porque a sua vida também pode ser poesia!

Cinco pedras para não tropeçar

Pistas para se viver a vida com sabor

Leomar Nascimento de Jesus

376 páginas

Não existe receita para ser feliz. Porém, existem caminhos que nos auxiliam na busca por uma existência com sabor. Descubra o seu caminho para a felicidade neste livro que promete mudar a sua vida. Para melhor.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

editorapaulus

PAULUS

A comunicação como ciência indecisa

O título acima não é apenas provocativo para o leitor de *Páginas Abertas,* mas sinaliza atenção para uma temática que talvez não tenhamos tido a oportunidade de reconhecer e aprofundar em nossos estudos e pesquisas no âmbito da comunicação, ou mesmo nos conteúdos das nossas aulas e exposições. Refiro-me à perspectiva segundo a qual a comunicação é considerada uma ciência indecisa no confronto entre seus conceitos e sua realidade.

No livro *Comunicação Mediações Interações* (PAULUS, 2015), de Lucrécia D'Alessio Ferrara, essa questão é colocada, debatida, desdobrada em diversos aspectos e compõe uma densa e intensa reflexão acadêmica dentro do objetivo mais amplo de sua pesquisa: "[...] colaborar para a definição de uma arqueologia da comunicação através da distinção epistemológica que se estabelece entre mediação e interação e poder caracterizar seu oscilante objeto cientifico" (p. 15).

O livro apresenta dez diferentes ensaios, com conexão temática, produzidos entre 2010 e os anos recentes, compondo projeto de pesquisa acadêmica da autora e desenvolvido junto ao CNPq. Aqui, mais que seu resumo, apresento alguns ângulos deste trabalho, procurando oferecer ao leitor argumentações que o fundamentem e seduzam para uma leitura atenta e cuidadosa.

Apoiada na perspectiva epistemológica de busca das matrizes do conhecimento, a autora assinala a hegemonia das questões da mediação nos estudos de comunicação na contemporaneidade em desabono daquilo que lhe é constitutivo: a interação. Ainda que mediação e interação possam se confundir, na verdade são tomadas em múltiplas polaridades – daí as implicações limitadoras quanto às possibilidades efetivas do conhecer, analisar e produzir conhecimento. É a esse confronto que se reporta a indecisão apontada no âmbito da comunicação, o caráter oscilante de seu objeto.

Diferentes polaridades são passíveis de observação na constituição dessa oscilação e se mostram desde a técnica, e ainda na diferença das ecologias ambiental e comunicativa, na comunicação como espetáculo, na comunicação como método, no difuso e no ambivalente, e que, ao permear o mediático e o interativo, são ângulos que evidenciam esse quadro de incerteza que paira sobre a comunicação.

O domínio da mediação está especialmente configurado na comunicação de mão única, na dependência de meios e centralizada nos objetivos do emissor, confundindo meios e mediações com a própria comunicação. Já o domínio da interação é uma possibilidade ou tentativa incerta, vinculada a território ambivalente, a demarcações culturais e outras que a tornam imprevisível, nos termos da autora.

O domínio da mediação se mostra mesmo como um "entrave" à comunicação, em especial no modo como se assumem a tecnologia e seus objetos, como uma força inumana, simétrica em relação a seus agentes cognitivos, em vez de articuladora, bem como distante das múltiplas diferenças que constroem um território associativo feito de lugares e diferenças em suas realizações.

Ao longo dos anos recentes, a evolução da técnica, com a ascensão do dispositivo digital, é vista pela autora como elemento de ruptura da simetria homeostática apontada entre emissor e receptor, oferecendo a possibilidade de uma relação comunicante: "O que importa é estar em comunicação, e as redes sociais são o novo cenário que substitui o isolamento e a simetria das instâncias de poder dos processos de emissão. Agora todos e tudo se sabem em relação comunicativa, nela interferem e são por ela interferidos" (p. 78).

Essa alteridade presente na evolução das mediações para as interações, a possibilidade de "desvelar" o que se apresenta encoberto, o reconhecimento de que as máquinas inteligentes se comunicam com elas e com os homens e que ambos transformam a natureza das coisas e do mundo possibilitam que tudo e todos se tornem cada vez mais comunicantes e interfluentes, e, portanto, não subordi-

nados a planos ou simetrias. É o que a autora afirma ao questionar a postura de Latour sobre a simetria e a sua teoria das associações, onde se situa a Teoria do Ator-Rede. É assertiva sua posição a respeito quando indica:
"No desafio de associar as dissimetrias entre sujeitos e objetos, mundo e natureza, a comunicação não é a única protagonista; ao contrário, para a construção daquela narrativa todos somos convocados e, nela, todos somos cientistas e poetas, sujeitos e objetos." (p. 59).

A análise da mediação e interação como categorias comunicativas na cidade foi objeto de estudo por parte da autora na sequência da pesquisa realizada. Há uma distinção importante entre espaço urbano e cidade – aquele como território, este como espaço de relação comunicativa, troca, mediação e interação. Se o espaço urbano supõe redes, malhas que determinam sua composição física e política como território, são eixos políticos e sociais em relação estrutural e funcional. Já a cidade vai além pelas suas características sociais.

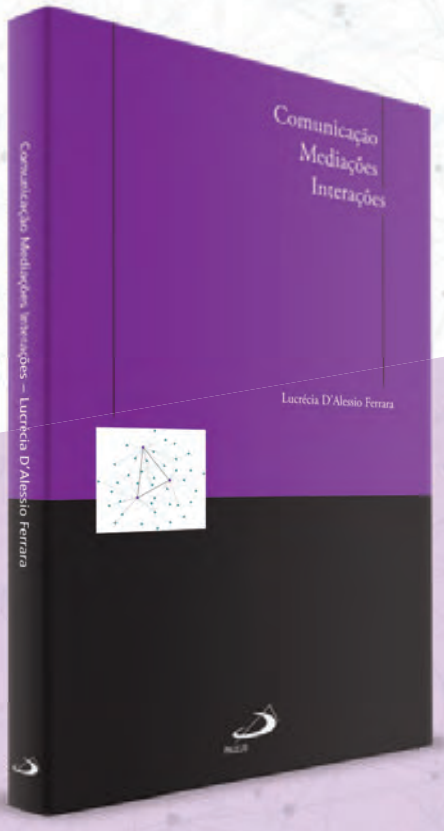
Se o urbano construído e a cidade habitada, o concreto e o intangível, se hibridizam, entende-se então que o espaço urbano jamais poderia agasalhar a conexão social e muito menos a rede associativa e interativa que caracteriza a cidade; assim, a rede estrutural/funcional evolui para uma rede de ideias ou de modos de pensar e agir conectados virtualmente a distância, mas capazes de fazer prever difusos imaginários sociais, segundo seus termos (p. 142).

Já as redes digitais podem ter distintas configurações, mas traçam outro território com redes políticas. A cidade interativa é a da resistência que combate os planos, que de modo hegemônico estipulam aquilo que a cidade deve ser. Nesse sentido, a cidade interativa é desestruturante e sem ambições mediáticas, mas o único lugar capaz de sobreviver de modo democrático e que se deixa perceber em vozes que, no tempo, gritam ou se calam (p. 160).

É interessante a observação de que imagens mediativas da cidade não dispensam os recursos tecnológicos e são apreendidas na distância de seus flagrantes, dependentes dos recursos tecnológicos do dispositivo que as registra. Vê-se a imagem da cidade através dos seus registros. Ao contrário, a cidade interativa é esta que só se faz notar ao contato físico, direto, nervoso e da percepção atenta do pesquisador, e que se define na mesma medida em que descobre seu objeto de investigação (p. 168).

As interações são surpreendidas por meio de uma atenção empírica e passíveis de "acontecimentalizações", assim como são espaço de multidões como exemplo de manifestação interativa, de protagonismo e de intencionalidade coletiva (p. 173-174).

Tenho certeza de que os excertos do livro de Ferrara aqui apontados e o esforço de apresentar o fio condutor de sua argumentação motivarão o leitor a compartilhar de um debate científico cuidadoso, exigente, rigoroso e indispensável.



* Mauro Wilton de Souza é doutor em Ciências da Comunicação e professor sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde atua no programa de pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais.

PROJETO DE alfabetização e letramento

Percebemos que a realidade atual vem afastando cada vez mais nossos alunos da prática da leitura. Videogames, TV a cabo, tablets, o acesso restrito aos livros no núcleo familiar e a falta de incentivo, entre outras coisas, têm ocasionado pouco interesse pela leitura e, por consequência, dificuldades marcantes que sentimos na escola: vocabulário reduzido e informal, dificuldade de compreensão, erros ortográficos, poucas produções significativas dos alunos, conhecimentos limitados aos conteúdos escolares etc.

Faz-se, portanto, necessário que a escola busque resgatar o valor da leitura como ato de prazer e requisito para a emancipação social e promoção da cidadania.

Desde a sua fundação, o CEMI vem trabalhando o Projeto Leitura, com o objetivo geral de incentivar os alunos a ler, desenvolvendo sua criatividade. Em 2012 o Projeto Leitura recebeu um novo nome e uma nova proposta, passando a se chamar Projeto de Alfabetização e Letramento, cujos objetivos são: promover a leitura em todos os segmentos da escola; incentivar e facilitar o acesso aos livros daqueles que têm ou gostariam de desenvolver o hábito de ler; instigar e incentivar aqueles que não têm esse hábito a criá-lo; apreciar a leitura; apresentar vários gêneros textuais; proporcionar o desenvolvimento das competências, de habilidades e da criatividade.

O projeto é desenvolvido durante todo o ano. Para intensificá-lo, trabalhamos o paradidático, em um processo realizado em etapas desde a Educação Infantil até o Fundamental. A segunda etapa foi iniciada com a apresentação dos livros, feita pelas professoras. Um dos livros adotados para essa etapa foi *A menina da renda vermelha*, da autora Fabiana Guimarães, publicado pela PAULUS Editora.

A obra conta a história de Tereza, uma menina que imaginava conhecer sua madrinha e tecer para ela uma renda vermelha, mas enfrentava um problema: onde morava, só havia rendas brancas. Durante a busca pela renda vermelha, são tecidos sonhos, aventuras e descobertas. É uma história delicada que conta e homenageia a riqueza cultural do nordeste brasileiro. Com belíssimas ilustrações, a obra também emprega pedaços de renda em suas páginas.

Autora Fabiana Guimarães contando a história *A menina da renda vermelha*.

Alunas do 3º ano do Ensino Fundamental com objetos que representam a história *A menina da renda vermelha*.

A autora Fabiana Guimarães com as professoras e os alunos do Centro Educacional Mundo Infantil – CEMI, em Fortaleza.

Alunos do 3º ano do Ensino Fundamental utilizando materiais recicláveis na produção de brinquedos para a biblioteca da escola.

OBJETIVOS GERAIS

• Incentivar e estimular o prazer e o interesse pelo mundo da leitura, levando os alunos a perceber as imensas possibilidades de um texto e tudo o que nele está contido de conhecimento, sabedoria e informação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

• Promover e incentivar o gosto pela leitura e pelos estudos;
• Propiciar práticas de leitura numa perspectiva lúdica e interdisciplinar;
• Estimular o raciocínio, a linguagem, a escrita e a atenção;
• Enriquecer a vivência, a convivência e a cidadania;
• Trabalhar a relação interpessoal.

PLANO DE AÇÃO

As professoras, junto com a coordenação, traçaram o plano de ação do projeto, cada uma dando sua sugestão sobre como o projeto poderia ser conduzido. Por meio de algumas ações de motivação sobre a importância da leitura, os professores fizeram a apresentação de cada livro aos alunos, realizando uma breve contação de história para despertar neles o interesse pelos livros escolhidos. Num segundo momento, após a leitura dos livros pelos alunos, eles foram incentivados a trazer algum material que remetesse à história para realizar uma contação ou dramatização improvisada.

Com o incentivo dos professores, os alunos participaram de uma oficina de produção textual em que recriavam as histórias, incluindo a si mesmos como personagens. Os textos eram expostos nas salas para que os demais alunos pudessem fazer a leitura da produção dos colegas.

Na sala do 3º ano do Ensino Fundamental, a professora Marcela Barros trabalhou com o livro *A menina da renda vermelha*. Seus alunos produziram desenhos e textos sobre a temática do livro; depois, participaram de uma roda de conversa entre eles e também com a autora Fabiana Guimarães. Foram realizadas oficinas de artesanato com materiais recicláveis para que os alunos vivenciassem a experiência da produção artesanal – nesse caso, eles produziram brinquedos com os materiais recicláveis para que fossem utilizados por todos na brinquedoteca da escola.

Ambas as experiências contaram com a participação ativa dos alunos do 3º ano e foram registradas pela professora, servindo de incentivo para os demais alunos da escola.

Esperamos, com este projeto, formar alunos conscientes de seu papel na sociedade e formadores de opinião. Assim, teremos a certeza do cumprimento de nosso papel na educação dos nossos alunos.

---

* Roberta Nascimento é auxiliar de coordenação do Ensino Fundamental do Centro Educacional Mundo Infantil – CEMI, em Fortaleza (CE).

Páginas Abertas Indica

Estímulo da inteligência infantil

Na escola e no lar

Celso Antunes

A obra traz discussões importantes sobre o uso, seja na sala de aula ou em casa, das diversas inteligências desde a vida infantil. Celso Antunes analisa duas ações mentais e físicas que se complementam: a importância do aprender e o exercício prático de fazer da aprendizagem o desenvolvimento de habilidades e competências. O leitor encontrará atividades com exemplos e alternativas para estimular as diversas competências. Trata-se de um complemento de apoio para professores, coordenadores escolares e todos que lidam ou se interessam pela arte de ensinar e educar.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 120

João, Maria e o caminho

Jonas Ribeiro
Cenário e marionetes: Abraão Gouvea
Fotografia: Erivaldo Dantas e Samuel Lima

No livro *João, Maria e o Caminho*, Jonas Ribeiro propõe uma importante reflexão sobre o processo de construção de identidade de crianças e jovens. Estar inserido em um grupo é parte importante desse processo. Para se sentir aceitos e seguros, adolescentes se vestem e falam de modo parecido, e é exatamente assim que agia a turma de João e Maria. De forma criativa, a obra conta a história de João-Ninguém, que fazia tudo o que os amigos faziam, mesmo a contragosto; ele tinha medo de fazer escolhas diferentes e perder a amizade de todos. Ao conhecer Maria Caminho, tudo começou a mudar.

Formato: 21 cm x 27,5 cm **Páginas:** 24

Teorias da Comunicação, hoje

Ciro Marcondes Filho

O momento comunicacional não para; ele está sempre se alterando, exigindo novos posicionamentos, novos equacionamentos teóricos, novas visões. O autor justifica que a maioria das teorias da comunicação já caiu na obsolescência e no ostracismo. Para ele, poucas carregam certa atualidade. Este livro propõe uma nova forma de estudar e pesquisar a comunicação. Ciro explora os episódios do dia a dia para entender, por exemplo, como nos impactam um filme, uma performance, uma peça teatral, ou uma breve reportagem jornalística. A obra considera que investigar a comunicação não é focar no chamado "emissor". Há todo um campo a ser explorado, que é o do fenômeno ou acontecimento comunicacional enquanto tal.

Formato: 16,5 cm x 24 cm **Páginas:** 152

O leão devorador

Lúcia Pimentel Góes
Ilustrações: Simone Matias

Na natureza, cada coisa tem seu lugar. Ela é uma grande casa bem arrumada, e, para manter a harmonia desse espaço, é preciso que todos os seus moradores colaborem com a sua organização. Animais, pessoas, plantas, montanhas e, rios só podem estar bem e fazer o bem se preservados. A obra conduz os alunos a uma reflexão acerca da ganância humana e da forma como a humanidade vem conduzindo os bens que estão a seu serviço.

Formato: 15,5 cm x 22,5 cm **Páginas:** 24

Às vezes eu tenho medo

Um livro sobre o medo

Michaelene Mundy
Ilustrações: Anne FitzGerald

Queremos que nossas crianças sejam seguras, felizes e bem ajustadas. Mas sabemos que elas, assim como nós, enfrentam muitas dificuldades em suas vidas. E uma dessas dificuldades é medo. Os adultos sabem que acolher e amar as crianças, que tanto necessitam de apoio, é o melhor remédio para que elas cresçam felizes. O livro quer ajudar na superação e na confiança em si e nos outros.

Formato: 20,5 cm x 20,5 cm **Páginas:** 32

Por que estudar filosofia?

João de Fernandes Teixeira

Este é um livro-bomba, que visa resgatar a dignidade da filosofia, soterrada sob os escombros da mídia e da universidade. O físico Stephen Hawking, um dos maiores cientistas contemporâneos, declarou que a filosofia está morta. João Fernandes levanta a seguinte questão: será que a filosofia foi, até agora, apenas uma lorota que já dura mais de 2500 anos? Será que a filosofia acabou mesmo? E, se acabou, por que isso aconteceu? Neste livro, o autor examina essas questões e discute por que ainda vale a pena estudar o tema, revelando uma filosofia brincalhona que, para o autor, pode nos ajudar a superar o fato brutal de que estamos condenados a pensar.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 96

Ecologia

Vida ou morte?

J. B. Libanio

A obra reflete sobre a grande batalha do século XXI que é travada na ecologia.
Com mais de 30 artigos sobre o tema, que tratam dos impactos que a Terra vem sofrendo ao longo dos anos em decorrência da falta de ética do homem ao lidar com as questões ambientais, Libanio inicia suas reflexões de forma cronológica, abordando o processo evolutivo do ser humano, o início da revolução industrial e as mudanças trazidas pela sociedade industrial avançada. Segundo ele, ou criamos uma nova consciência, controlando a sede insaciável de consumo e de desperdício, ou nos arruinamos todos juntos.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 80

Introdução à análise argumentativa

Teoria e prática

Marcus Sacrini

O que você vai ser quando crescer? Essa pergunta nem sempre é fácil de se responder. Com leveza, objetividade e seriedade, o livro trata o tema da escolha profissional a partir do acompanhamento de um grupo de jovens que são desafiados a escolher os rumos da própria vida. O texto busca auxiliar o jovem a perceber as suas potencialidades, visualizar as possibilidades e refletir sobre qual caminho seguir.

Formato: 16 cm x 23 cm **Páginas:** 376

Por falar em CRISE

Divulgação

Mas as crises também podem trazer benefícios. Tempos de crise econômica, como os que estamos vivendo hoje em dia, são bons para repensarmos nosso estilo de vida. Obrigados a economizar e a utilizar com muito critério o nosso dinheirinho, começamos a perceber que muitas vezes gastamos muito com coisas de que, realmente, não precisamos. Será que preciso comprar mais roupa? Preciso mesmo daquele relógio que vi na vitrine? Aquela camisa de marca é de fato indispensável?

"Não espere por uma crise para descobrir o que é importante em sua vida." Sábias palavras do filósofo grego Platão. Não espere que alguma coisa ruim lhe aconteça para você descobrir o que é mais importante em sua vida. Tem gente que só depois que fica doente passa a dar valor à saúde, aos bons hábitos. Outros só dão valor a uma pessoa quando perdem sua amizade ou afeição. Há também quem só perceba o valor da pessoa que está a seu lado quando a perde. Enquanto está com ela, não é capaz de perceber suas virtudes, suas qualidades. Depois, pode ser tarde demais para recuperar o bem perdido. Aí só resta lamentar. Portanto, é sinal de sabedoria reconhecer o que é importante na vida para saber preservá-lo cuidadosamente.

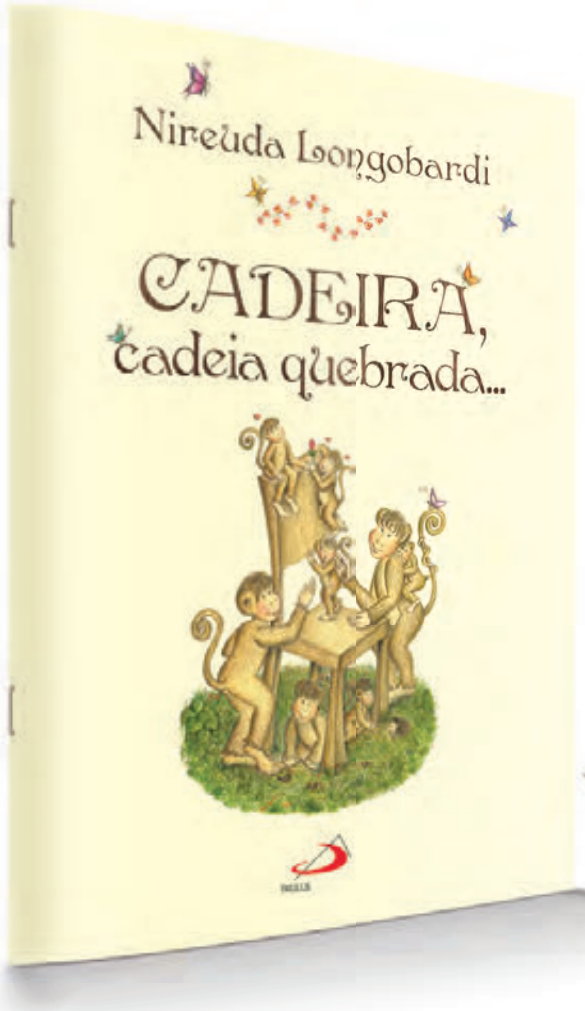
Repensar comportamentos e valores é uma atitude saudável. Leva-nos a meditar sobre a influência da propaganda em nossa vida, sobre como somos manipulados por ela. E pode nos ajudar a ver com mais clareza o que é realmente importante para a nossa felicidade. Correr ansiosamente atrás de bens materiais, trabalhar bastante para ter dinheiro só para consumir, para se exibir – isso parece apenas insanidade, não acham?

Outro filósofo, o inglês Francis Bacon, disse: "Se o dinheiro não for seu servo, será o seu patrão". Grande verdade! Quantas pessoas pensam que mandam em seu dinheiro quando, na verdade, é o dinheiro que manda nelas, pois fazem sua vida girar em torno dele, querendo sempre mais, sempre mais. Sem perceber, acabam escravas da ambição. No fim das contas, realmente, o dinheiro é o patrão.

Por isso, valorize aquilo que é fundamental para sua felicidade e paz de espírito. Cultive amizades, aproveite mais os momentos de convivência com as pessoas queridas. Não se estresse correndo atrás do vento. Não se deixe levar pelo redemoinho da sociedade de consumo, que nos desumaniza. Uma época de crise pode mudar sua vida para melhor. Pense nisso.

* Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br

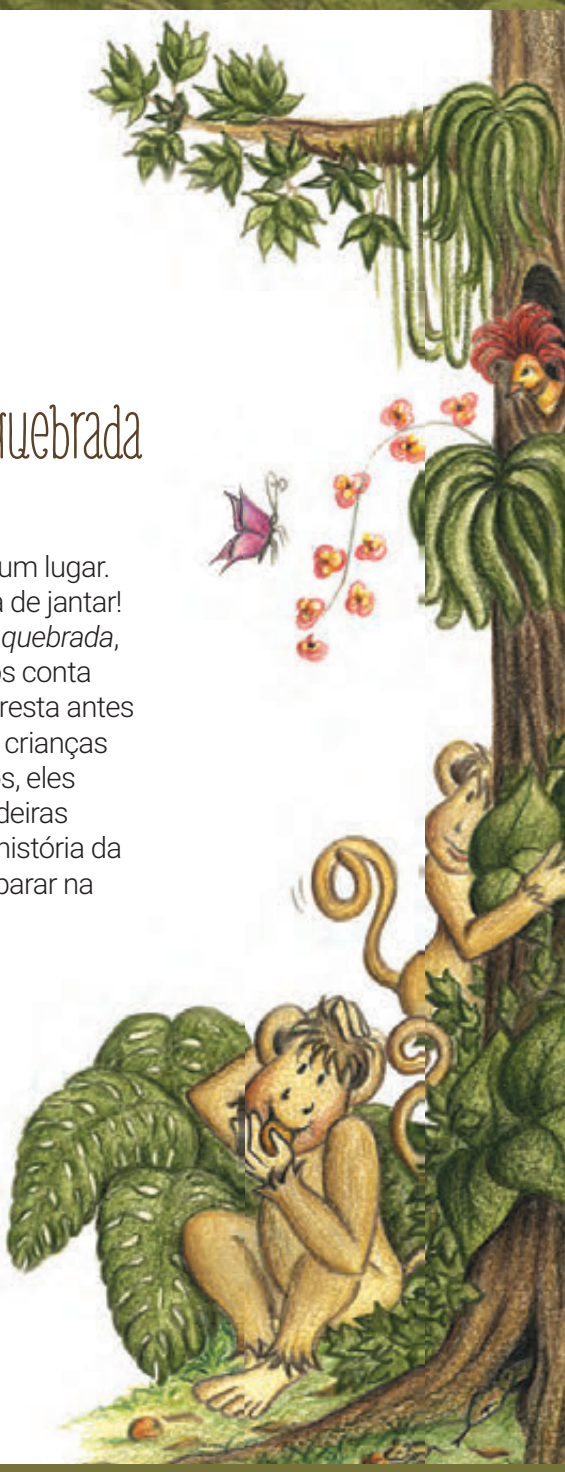
Ela já foi árvore, já foi madeira...
Mas como foi que ela virou cadeira?



32 páginas

Cadeira... cadeia quebrada
Nireuda Longobardi

Todo mundo vem de algum lugar. Até a cadeira da sua sala de jantar! No livro *Cadeira... cadeia quebrada*, uma divertida cadeira nos conta como era sua vida na floresta antes de chegar à casa de três crianças pra lá de espertas. Juntos, eles aprontam muitas brincadeiras enquanto desvendam a história da árvore que acabou indo parar na sala de sua casa.

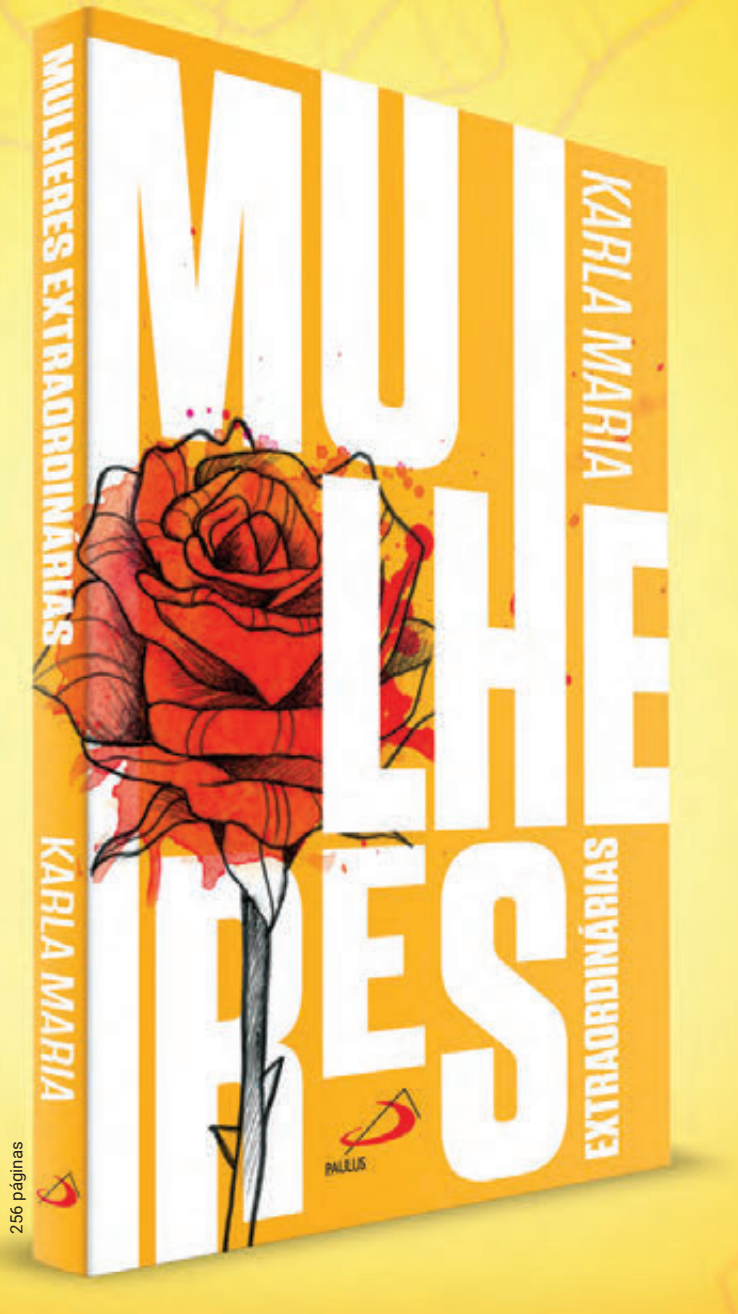


paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

editorapaulus

PAULUS

MULHERES DA VIDA REAL, QUE LUTAM E QUE RESISTEM.



256 páginas

Mulheres extraordinárias
Karla Maria

Com sensibilidade e apuração jornalística, Karla Maria reuniu perfis, reportagens e histórias de mulheres marcadas por dramas sociais, raciais e morais. Essas mulheres confiaram à jornalista lágrimas e sorrisos, lutas e conquistas, tombos e superações, em uma obra para aqueles que apreciam boas histórias e o bom jornalismo.

Também disponível na versão **Ebook**

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

editorapaulus

PAULUS